

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Programa de Pós-graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e
Sociedade (CPDA)



**Relatório com as principais notícias divulgadas pela mídia relacionadas com a
agricultura**

**Área Temática: Agro-Bioenergia
Período de Análise: 01/07/2012 a 31/07/2012**

Mídias analisadas:

Jornal Valor Econômico
Jornal Folha de São Paulo
Jornal O Globo
Jornal Estado de São Paulo
Site eletrônico do MDS
Site eletrônico do MDA
Site Eletrônico do MMA
Site eletrônico do INCRA
Site eletrônico da CONAB
Site eletrônico do MAPA
Site eletrônico da Agência Carta Maior
Site Eletrônico da Fetraf
Site Eletrônico da MST
Site Eletrônico da Contag
Site Eletrônico da CNA
Site Eletrônico da CPT

Índice

AMBIENTE ESTRATÉGICO EMPRESARIAL

Biodiesel

ERB sai em busca de R\$ 300 milhões para projetos de biomassa. Claudia Facchini – Valor Econômico. 02/07/2012	5
Congresso debate situação da agricultura familiar na produção do biodiesel – Site do MDA. 04/07/2012.....	6
País produzirá combustível de algas. Bettina Barros – Valor Econômico, Capa. 06/07/2012.....	7
País terá 1ª planta de biocombustível de alga. Bettina Barros – Valor Econômico. 06/07/2012.....	8
Regional da Conab no Tocantins investe em combustível sólido ecológico – Site da CONAB. 10/07/2012.....	9

Etanol

Usinas apostam em etanol de sorgo na entressafra de cana. Janice Kiss – Valor Econômico. 04/07/2012.....	10
Queda da produtividade na safra da cana-de-açúcar eleva preços e melhora rentabilidade – Site da CNA. 06/07/2012	11
Disputa por matérias-primas para alimentos e combustíveis crescerá – Valor Econômico. 12/07/2012.....	11
Mercado brasileiro de etanol precisa de planejamento. Plinio Nastari – Folha de São Paulo. 13/07/2012.....	12
Chuvas podem incentivar produção de etanol. Mauro Zafalon – Folha de São Paulo, Mercado. 19/07/2012.....	13
Queima de cana rende multa de R\$ 1 mi a usina – Folha de São Paulo, Ribeirão. 19/07/2012.....	14
Justiça proíbe queima da cana em 20 cidades – O Estado de São Paulo. 19/07/2012	15
Biosev suspende abertura de capital. Aline Bronzati e Eduardo Magossi – O Estado de São Paulo, Economia. 20/07/2012.....	16
Com crise, país perde 30 usinas de cana-de-açúcar desde o ano passado. Araripe Castilho – Folha de São Paulo, Ribeirão. 21/07/2012.....	17
Sem IPO, Biosev busca financiamento. Mônica Scaramuzzo – Valor Econômico. 24/07/2012.....	18
Segunda geração já perto de ganhar escala industrial. Genilson Cezar – Valor Econômico. 24/07/2012.....	20

Biosev fecha empréstimo com bancos. Mônica Scaramuzzo – Valor Econômico. 25/07/2012.....	21
ETH tem prejuízo de R\$ 793 milhões na safra 2011/12. Gerson Freitas Jr. – Valor Econômico. 26/07/2012.....	22
Infinity Bio-Energy capta US\$ 75 mi para reorganizar operação. Eduardo Magossi – O Estado de São Paulo, Economia. 31/07/2012.....	23

POLÍTICA NACIONAL DE AGROBIOCOMBUSTÍVEIS

Biodiesel

Produção de biodiesel pode dobrar no Brasil com uso de óleo de palma. Marcio Beck – O Globo. 01/07/2012.....	24
Mamona e pinhão-manso podem ser matérias-primas para biorrefinarias. Site do MAPA. 06/07/2012.....	25
Congresso promove debate sobre mamona e culturas renováveis de biocombustível – Site do MDA. 16/07/2012.....	26

Etanol

Injeção no etanol. Vivian Oswald – O Globo. 01/07/2012.....	27
Do ocaso nos anos 90 ao sucesso atual. Vivian Oswald – O Globo. 01/07/2012.....	29
'Podemos ter uma nova fase em 2013' – O Globo. 01/07/2012.....	30
Petrobras antevê mercado de etanol ainda retraído em 2015. Fabiana Batista – Valor Econômico. 05/07/2012.....	31
Rio Tietê inicia produção de balsas. Francisco Góes – Valor Econômico. 06/07/2012.....	32
País terá de importar etanol para ampliar mistura na gasolina. O Estado de São Paulo. 07/07/2012.....	33
Governo propõe zerar tributos do etanol. Natuza Nery e Lucas Vettorazzo. Folha de São Paulo, Mercado. 10/07/2012.....	34
Aumento da mistura do álcool para 25% ajuda Petrobras e é bom para as usinas. Mauro Zafalon. Folha de São Paulo, Mercado. 10/07/2012.....	35
Lobão confirma que governo estuda aumentar parcela do álcool na gasolina. Vivian Oswald – O Globo. 10/07/2012.....	36
Teor de etanol na gasolina pode subir para 25%, diz Lobão. Rodrigo Polito – Valor Econômico. 10/07/2012.....	37
Governo vai elevar para 25% o teor de álcool na gasolina. Sergio Torres – O Estado de São Paulo. 10/07/2012.....	38
Governo incentiva o sorgo na rotação com a cana – Site do MAPA. 12/07/2012.....	39
Oleaginosas serão discutidas por especialistas no Espírito Santo – Site do MAPA. 13/07/2012.....	40
Linha do BNDES para usineiros não decola. Renée Pereira - O Estado de São Paulo. 13/07/2012.....	40

A rosa e a cana. Miriam Leitão – O Globo. 14/07/2012.....	41
Além do canavial. Miriam Leitão – O Globo. 15/07/2012.....	43
Criação de cooperativa de plantadores de cana está em andamento – Site do MAPA. 16/07/2012.....	45
Mais etanol na gasolina pode dar fôlego à Petrobrás. Renée Pereira – O Estado de São Paulo. 16/07/2012.....	45
Mistura de álcool na gasolina não aumentará este ano, diz Lobão. Anne Warth e Eduardo Cucolo. O Estado de São Paulo. 19/07/2012.....	47
Hidrovia tem menor custo para escoamento do etanol em Mato Grosso do Sul – Site da CNA. 20/07/2012.....	48
BNDES e Finep têm R\$ 3 bi para novos projetos – Valor Econômico. 24/07/2012.....	49
Produção de álcool já caiu 25,5% neste ano, até maio . Daniela Amorim – O Estado de São Paulo, Economia. 26/07/2012.....	50
Sem etanol e com consumo em alta, importação de gasolina cresce 315%. Renée Pereira – O Estado de São Paulo, Economia. 30/07/2012.....	51
Brasil era exportador, passou a importador. Renée Pereira, Sabrina Valle, Sergio Torres - O Estado de S.Paulo, Economia. 30/07/2012.....	52

RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Etanol

Fim da sobretaxa altera comércio – Valor Econômico. 24/07/2012.....	55
---	----

Biodiesel

**ERB sai em busca de R\$ 300 milhões para projetos de biomassa. Claudia Facchini
– Valor Econômico. 02/07/2012**

Vasconcellos, da ERB: empresa conseguiu estruturar no BNDES primeira operação de "project finance" do setor

A Energias Renováveis do Brasil (ERB), que pode ser considerada uma "startup" (iniciante) de geração de energia a partir da queima de biomassa, como madeira e bagaço de cana, iniciou uma segunda rodada de captação de recursos para bancar novos projetos no Brasil, alguns em estágio avançado de negociação, diz a empresa.

A meta da geradora, que projeta taxas de retorno de 15% a 20% sobre o capital investido, é levantar entre R\$ 300 milhões e R\$ 500 milhões com fundos de private equity e investidores estratégicos.

A ERB está construindo um projeto pioneiro em Candeias, na Bahia, onde desenvolveu um sistema integrado de geração de energia a partir da queima de eucalipto para o polo petroquímico da Dow. A madeira, que virá de 10 mil hectares de florestas plantadas em áreas próximas, irá substituir o gás na produção do vapor utilizado pela empresa.

O projeto começará gerar receita em 2013 para ERB, que fornecerá energia à Dow por 18 anos. Estima-se que esse seja o primeiro caso no mundo de uso de energia de biomassa por uma petroquímica.

Mas, apesar de pioneiro, o acordo com a Dow é ainda o único firmado pela ERB, que foi constituída em 2008. "Possuímos outros 19 projetos em estudo", afirma Paulo Vasconcellos, fundador e diretor da companhia. Para a segunda rodada de captação, foram contratados os bancos Morgan Stanley e o Espírito Santo.

Projeto feito para Dow na Bahia será o primeiro caso no mundo de uso de energia de biomassa por uma petroquímica

O primeiro aporte na ERB foi feito em 2010, quando o Fundo de Investimento do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FI- FGTS) e a Rio Forte Investments, fundo do Grupo Espírito Santo, injetaram na companhia R\$ 120 milhões.

Hoje, os dois investidores possuem, cada um, 49% do capital da ERB. Com a nova captação, a participação dos controladores deve ser diluída, com a entrada de, provavelmente, "quatro ou cinco novos sócios", diz Vasconcellos.

Na última quinta-feira, a ERB assinou com o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) um empréstimo de R\$ 210 milhões para financiar o projeto da Dow, concluindo assim um etapa crucial para o sucesso do empreendimento.

O financiamento também marcou a primeira operação de "project finance" feita pelo BNDES envolvendo um projeto de geração de energia a partir de biomassa. A estruturação do empréstimo durou dois anos e o financiamento foi repassado por meio de três bancos: Votorantim, Itaú BBA e Bradesco. A Rio Bravo também deu assessoria financeira ao projeto.

Na operação de "project finance", o próprio projeto de geração de energia foi dado como garantia ao empréstimo. Isso foi possível porque o risco de abastecimento da biomassa - a madeira, neste caso - pôde ser visualizado, uma vez que o eucalipto virá das florestas plantadas pela ERB na Bahia, explica Ana Raquel Paiva, gerente do departamento de energias alternativas do BNDES.

Em outros casos de geração de energia a partir de biomassa, como bagaço de cana, o fornecimento de matéria-prima para a geração de energia depende de outras atividades, o que dificulta a segregação do seu risco.

Segundo Vasconcellos, as caldeiras da Dow poderão trocar a madeira por gás se necessário, garantindo uma espécie de "hedge" à empresa. A Dow ficaria em desvantagem em relação ao seus concorrentes se o preço do gás desabasse, por exemplo.

Congresso debate situação da agricultura familiar na produção do biodiesel – Site do MDA. 04/07/2012

Ampliar o número e a renda de famílias envolvidas no Programa Nacional de Produção e Uso de Biodiesel e, ao mesmo tempo, garantir a viabilidade do negócio para os produtores. Esta é a pauta do Congresso Agribio, a Agricultura Familiar no Biodiesel, realizado pelo portal Biodiesel BR em parceria com o Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA). Nesta quinta-feira, 5, cerca de 250 representantes dos grupos que atuam com o Selo Combustível Social se reúnem, em São Paulo, para debater o assunto.

O coordenador de Biocombustíveis da Secretaria da Agricultura Familiar do MDA, André Machado, vai mostrar, no congresso, estratégias do ministério para assegurar o desenvolvimento da inclusão social de agricultores familiares. Outros temas a serem discutidos por André Machado serão as próximas ações do governo, os resultados alcançados pelo Programa Nacional de Produção e Uso do Biodiesel (PNPB), além da nova Instrução Normativa, que define procedimentos para empresas que possuem o Selo Combustível Social.

No Brasil, 39 usinas produtoras de biodiesel são detentoras do Selo Combustível Social. Isso representa 69% das usinas no país. As usinas com o selo podem adquirir o produto diretamente dos agricultores familiares ou de cooperativas agropecuárias. Elas produzem 2,5 bilhões de litros por ano, o que equivale a 95% do volume de biodiesel fabricado no Brasil.

"Mais de 104 mil famílias e 65 cooperativas da agricultura familiar são beneficiadas pelo PNPB. Em 2011, as empresas produtoras de biodiesel no Brasil utilizaram 1,9 milhão de toneladas de matéria-prima proveniente da agricultura familiar. Tivemos

grandes avanços e estamos trabalhando para ampliar a participação dos agricultores no mercado de combustíveis", afirma Machado.

Temas

O congresso trará temas variados, entre eles "O olhar dos agricultores familiares sobre o Selo" apresentado em palestra por Antonio Rovaris, da Confederação Nacional dos Agricultores na Agricultura Familiar (Contag). Rovaris vai comentar o que mudou depois do Selo, levando em conta a necessidade dos agricultores familiares, a relação entre agricultores, federações e usinas e a diferença entre os estados. Já Elisângela Araújo, da Federação Nacional dos Trabalhadores e Trabalhadoras na Agricultura Familiar (Fetraf) debate o desenvolvimento dos agricultores, abordando, entre outros aspectos, como as usinas devem trabalhar com os agricultores.

A Associação dos Produtores de Biodiesel do Brasil (Aprobio) vai expor os principais desafios do selo social para as usinas, a União Brasileira do Biodiesel (Ubrabio), a organização das usinas e o desenvolvimento da agricultura familiar. Já a Agrobrasil fará uma análise sobre a inclusão social com o biodiesel. Participam também do congresso representantes da Embrapa Agroenergia e de universidades.

PNPB

O Programa Nacional de Produção e Uso do Biodiesel (PNPB) é uma ação interministerial criada em 2004, para a implementação de forma sustentável da produção e uso do biodiesel, com enfoque na inclusão social e no desenvolvimento regional, via geração de emprego e renda.

A instrução normativa elaborada pelo MDA em parceria com os participantes do PNPB, empresas produtoras e representantes da agricultura familiar define regras a serem seguidas pelas empresas que possuem o Selo Combustível Social. Com o selo, o produtor de biodiesel tem condições especiais, como diferenciação ou isenção nos tributos PIS/Pasep e Cofins, participação de 80% do biodiesel negociado em leilões públicos da Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP) e acesso a melhores condições de financiamento.

País produzirá combustível de algas. Bettina Barros – Valor Econômico, Capa. 06/07/2012

A See Algae Technology (SAT), empresa austríaca fornecedora de infraestrutura para produção industrial de algas, anuncia hoje a assinatura de um acordo com o grupo sucroalcooleiro JB, de Pernambuco, para a criação da primeira planta comercial de produção de biocombustível a partir de microalgas marinhas no Brasil. Com investimento inicial de € 8 milhões, a SAT iniciará nos primeiros meses de 2013 a construção da planta adjacente à usina de Vitória de Santo Antão, no Recife, no primeiro projeto do mundo com escala industrial para a produção desse combustível.

País terá 1ª planta de biocombustível de alga. Bettina Barros – Valor Econômico. 06/07/2012

A See Algae Technology (SAT), empresa austríaca fornecedora de infraestrutura para produção industrial de algas, anuncia hoje a assinatura de um acordo com o grupo sucroalcooleiro JB, de Pernambuco, para a criação da primeira planta comercial de produção de biocombustível a partir de microalgas marinhas do país.

Com investimento inicial de € 8 milhões, a SAT iniciará nos primeiros meses do ano que vem a construção da planta adjacente à usina de Vitória de Santo Antão, no Recife, no primeiro projeto do mundo com escala industrial para a fabricação desse combustível alternativo. A expectativa da companhia, sediada em Viena, é que as operações tenham início já no quarto trimestre de 2013. A unidade terá capacidade de produção de até 1,2 milhão de litros de biodiesel de algas por ano.

"Estamos muito satisfeitos com essa parceria. Encontramos no Grupo JB a velocidade e vontade de inovar que precisamos nesse segmento", afirmou o diretor da SAT, Rafael Bianchini, ao **Valor**.

Sob o contrato, a SAT vai projetar uma fazenda de microalgas e fornecer a tecnologia de produção, via sua parceira Dedini (indústria de base paulista focada em usinas) ao Grupo JB, além de supervisionar a instalação e garantir sua produtividade inicial. A joint venture também dará à SAT acesso à rede de contatos comerciais do grupo pernambucano.

Para o JB, empresa familiar que começou no Nordeste com a produção de cachaças, trata-se de uma forma de diversificar e buscar novos nichos de mercado. "O negócio de açúcar e álcool está cada vez mais nas mãos dos grandes", resigna-se Carlos Beltrão, diretor-presidente do grupo, que moí, atualmente, 2 milhões de toneladas de cana por safra e conta com uma área plantada de 15 mil hectares. "Se der certo em Recife, levaremos a tecnologia para Linhares [ES]" - onde o JB tem a segunda usina de açúcar e álcool.

A produção de combustíveis a partir de microalgas é uma aposta dos pesquisadores para as novas gerações de biocombustíveis limpos - não oriundos de fontes fósseis. Muitos países, Brasil incluído, debruçam-se em estudos nessa área já há algum tempo. Com rápida reprodução e boa produtividade de óleo, elas são vistas como opção plausível de alternativa ao petróleo. E ainda têm uma vantagem imbatível: não entram em conflito na disputa por terras agrícolas, questão-chave para a segurança alimentar.

Para crescer e se multiplicar, algas precisam de água (o meio onde vivem), luz (para a fotossíntese) e nutrientes, como fertilizantes e CO₂. Até agora, a grande dificuldade tem sido baratear o alto custo de produção. Especulações recentes do mercado jogavam o preço do litro a R\$ 20, graças ao processo de concentração, separação e secagem desses vegetais, que exigem peças caras e com alto consumo de energia.

Com as novas tecnologias apresentadas pela empresa austríaca, o preço do biocombustível na usina será similar ao do etanol de cana - entre R\$ 0,80 e R\$ 1 o litro, diz a SAT.

Isso porque algumas mudanças importantes foram feitas. A primeira foi trocar a produção em lagoas a céu aberto para espécies de "silos" de até cinco metros. A vantagem desse processo é que evita-se a contaminação da produção, já que não há interferência do ambiente externo. A segunda, e mais significativa, é a melhor distribuição da iluminação para a reprodução das algas. "Nas lagoas, apenas as microalgas que estão na superfície recebem o sol. As que estão um pouco mais abaixo ficam competindo por luz e nutrientes, o que reduz a produtividade", diz Bianchini.

O pulo do gato, diz o executivo, foi o desenvolvimento de um prisma solar que transfere a luz do sol para os reatores (silos) através de fibras óticas. Com isso, os silos são iluminados por dentro de alto a baixo. Além disso, são ligados através de tubulações à chaminé da usina da JP, por onde passa o CO₂ gerado na queima do bagaço da cana. "O custo de energia, alto em outros processos, será zero porque nossa matéria-prima será o sol e o CO₂".

Segundo o diretor da SAT, cerca de 50% das algas resultam em óleo para biocombustíveis e a outra metade em biomassa. Por ser proteica, essa biomassa é utilizada como substituição para a soja na alimentação de rebanhos na pecuária e na criação de peixes. Ainda segundo Bianchini, em um segundo momento a planta poderá ser utilizada também para produzir bioetanol a partir de algas geneticamente modificadas. Para isso, no entanto, ainda é preciso obter validação da Agência Nacional de Petróleo (ANP).

Regional da Conab no Tocantins investe em combustível sólido ecológico – Site da CONAB. 10/07/2012

Em ação inédita, a superintendência da Conab no Tocantins tem adotado o uso do briquete em substituição à madeira de lenha, em sua usina de beneficiamento de arroz, localizada em Formoso do Araguaia. O briquete é um produto obtido a partir da compactação mecânica de resíduos diversos, como serragem, bagaço de cana, casca de arroz, de algodão, de café e até de coco. Ele é utilizado como combustível em caldeiras, cerâmicas, fornos de padaria, lareiras entre outros.

O briquete possui um poder calorífico maior do que o da lenha comum, além de ter seu uso liberado pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), ou seja, ele dispensa licença. Também é totalmente reciclado e ecologicamente correto, uma vez que diminui o desmatamento. Uma tonelada de briquete substitui até 7 m³ de lenha. "Por todos estes motivos, o uso do briquete representa um grande ganho para a Conab e para o meio ambiente", explica o superintendente local, Vilmondes Macedo.

Além de ser utilizado na própria unidade, o excedente do briquete, produzido na própria usina, é vendido para empresas locais que também trabalham com o material. Há dois meses, por exemplo, a regional do Tocantins leiloou 800 t do produto. "Agora, nós esperamos que o uso do briquete possa ser adotado também por outras superintendências da Conab, em outros estados", diz Macedo. *(Antônio Marcos da Costa / Conab)*

Etanol

Usinas apostam em etanol de sorgo na entressafra de cana. Janice Kiss – Valor Econômico. 04/07/2012

O manejo correto é essencial para que a planta renda 2,5 mil litros por hectare

Há quatro anos, o sorgo era um grão usado apenas como alimento para o gado (forrageiro) ou matéria-prima para a produção de ração para aves de suínos (granífero). Estas duas variedades somaram 882 mil hectares na safra 2011/12, de acordo com dados da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab).

Mas, desde 2008, o tipo sacarino, uma variedade que possui taxas maiores de açúcar nos colmos, passou a ser testado como matéria-prima para a produção de etanol. O plantio decolou de 3 mil para 20 mil hectares, na última safra, e pode chegar a até 100 mil no ciclo 2012/13, conforme dados da Embrapa Milho e Sorgo (MG).

A cultura contará em breve com a liberação de R\$ 270 milhões em linhas oficiais para financiar o plantio em áreas de renovação de canaviais, normalmente ocupadas com soja e amendoim. A previsão é de uma oferta adicional de 300 milhões de litros de biocombustível a partir do sorgo na próxima safra.

A participação do sorgo sacarino ainda é tímida diante do mercado brasileiro de etanol de cana-de-açúcar, com seus 27 bilhões de litros. Porém, o produto ocupa uma lacuna na plantação de cana, que tem sua colheita entre abril e novembro. De ciclo rápido, em torno de 120 dias, o sorgo pode ser semeado na "janela" de novembro a dezembro ou mesmo de fevereiro a março. "O plantio tem que ser visto como complementar ao da cana-de-açúcar, beneficiando as usinas que ficam paradas na entressafra", comenta André May, pesquisador da Embrapa Milho e Sorgo.

May explica, ainda, que o caldo extraído dos colmos da planta se adapta ao processo industrial das usinas. As colheitadeiras utilizadas também são as mesmas, pois a altura do sorgo (em torno de 2 metros) é similar à da cana. No entanto, o rendimento é menor. Um hectare de cana-de-açúcar rende 7 mil litros de biocombustível e o de sorgo sacarino, 2,5 mil litros. Por isso, a Embrapa trabalha no lançamento de 2 novas variedades - além das 4 existentes - com a futura parceria da Ceres, que venceu o edital da empresa para ajudar no desenvolvimento de materiais mais produtivos e resistentes.

A multinacional com sede nos Estados Unidos já lançou nove híbridos no ano passado. William Burnquist, gerente geral da Ceres no Brasil, informa que as sementes da empresa foram plantadas por cinco grandes grupos canavieiros. "Chegamos a 4 mil hectares. A área talvez fosse maior se tivéssemos mais sementes para oferecer", comenta. Em 2010, a Monsanto lançou dois híbridos comerciais originários de bancos de germoplasmas instalados no Brasil, Estados Unidos e México. Segundo José Carramate, líder de Negócios da CanaVialis - empresa adquirida pela multinacional em 2008 - foram cultivados ao todo 9,5 mil hectares entre 14 usinas atendidas. "O pessoal está animado", garante.

A Raizen, joint venture entre Cosan e Shell, começou no ano passado a plantar sorgo sacarino, de forma experimental, em 200 hectares, mas ampliou a área para 1,7 mil hectares neste ano em São Paulo e Goiás. Segundo Cássio Paggiaro, diretor agrícola, o plantio tem enorme potencial. "Vale a pena apostar nele para o futuro", diz. Paggiaro avalia que o grão tem muito a evoluir com variedades mais produtivas e resistentes. "Ainda assim, é uma boa alternativa para a entressafra. Um feliz encaixe."

Desde o ano passado, a Nova Fronteira Bioenergia, joint venture entre a usina São Martinho e a Petrobras Biocombustível, investe em 600 hectares de sorgo sacarino em Quirinópolis (GO). "A ampliação é esperada, embora não tenhamos ainda sua dimensão", afirma Agenor Cunha Pavan, diretor superintendente agroindustrial. Para ele, a maior dificuldade em "domar a cultura", está no controle de ervas daninhas e cuidados especiais com o solo.

André May concorda plenamente com a posição das usinas. "Usineiros não conhecem por completo a planta e seu manejo correto", diz. Ele salienta que erros podem levar a uma produtividade nada rentável de 1,5 mil litros por hectare. "É preciso garantir 2,5 mil litros", pondera. May alerta que o custo da lavoura é caro, R\$ 2,5 mil por hectare, embora o da cana-de-açúcar seja de R\$ 5 mil. "Mas os problemas não são insolúveis. É só o tempo da nova tecnologia ser dominada", garante May.

Queda da produtividade na safra da cana-de-açúcar eleva preços e melhora rentabilidade – Site da CNA. 06/07/2012

A queda da produtividade agrícola que marcou a safra 2011/2012 da cana-de-açúcar teve como principais causas a redução no teor do ATR (Açúcar Total Recuperável) da cana, a baixa taxa de utilização da capacidade industrial e a redução dos rendimentos dos processos mecanizados agrícolas, principalmente no corte da cana-de-açúcar. No entanto, com a diminuição da produção, houve elevação dos preços do etanol e do açúcar, o que proporcionou a melhora dos índices de rentabilidade do setor. Com as projeções otimistas de melhor qualidade de matéria-prima e a sustentação dos preços do açúcar e etanol, estima-se a manutenção da rentabilidade positiva para a safra 2012/2013. As informações estão no boletim Ativos da Cana-de-açúcar, elaborado pela Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) e o Programa de Educação Continuada em Economia e Gestão de Empresas (Pecege), da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (ESALQ).

Disputa por matérias-primas para alimentos e combustíveis crescerá – Valor Econômico. 12/07/2012

A OCDE e a FAO reconhecem que não é mais possível fazer projeções no setor agrícola sem levar em conta o peso dos biocombustíveis nesses cálculos. A produção agropecuária precisará crescer mais de 60% nos próximos 40 anos para atender à crescente demanda por alimentos. Isso significa produzir 1 bilhão de toneladas de cereais e 200 milhões de toneladas de carnes a mais por ano em relação aos níveis de 2007.

No entanto, o espaço para expansão da área plantada é limitado. O total de terra arável é projetada para crescer 69 milhões de hectares, menos de 5%, até 2050. E a produção

global de etanol e biodiesel (concentrada em Brasil, EUA e União Europeia) é projetada para quase dobrar até 2021, e grande parte da matéria-prima continua sendo agrícola.

O etanol vai absorver nada menos que 34% da produção global de cana e 14% da de grãos nos próximos dez anos. A produção de biodiesel utilizará 16% do óleo vegetal global. No Brasil, especificamente, o volume de etanol de cana poderá atingir 51 bilhões de litros até 2021, representando 28% da produção mundial.

O comércio global de etanol deverá aumentar fortemente, passando dos atuais 4% da produção para 7%, em dez anos. A maior parte dessa alta é atribuída ao comércio entre Brasil e EUA. A expectativa é que os americanos importem cerca de 16 bilhões de litros, como alternativa mais barata para cumprir as metas do uso do combustível no país.

Por sua vez, o Brasil poderia importar 7,5 bilhões de litros do etanol de milho americano para suprir a demanda dos carros flex fuel, capazes de rodar com álcool e gasolina. "De onde virá essa enorme alta de 60% da produção agrícola? Essencialmente da produtividade", pergunta e responde o secretário-geral da OCDE, Angel Gurría, durante a apresentação do relatório em Roma.

A crescente produtividade é considerada vital para moderar os preços agrícolas e reduzir a insegurança alimentar no mundo. Para José Graziano da Silva, diretor-geral da FAO, a América Latina e a África Subsaariana, que apresentam maior potencial agrícola atualmente, terão condições de permitir esse crescimento.

Nos próximos dez anos, as produções de carnes, lácteos, óleos vegetais e açúcar nos países em desenvolvimento vão superar amplamente as das nações desenvolvidas. Só no caso de alguns tipos de queijos, leite em pó, biocombustíveis e óleo de peixe os ricos continuarão no domínio.

Mas a FAO alerta que a produção cresceu nos últimos anos graças ao aumento de área e da utilização de insumos, que não poderão ser mantidas no futuro. Segundo a entidade, cerca de 25% da totalidade das terras agrícolas estão muito degradadas. O desafio apontado pela organização é fazer o melhor uso sustentável dos recursos disponíveis.

Mercado brasileiro de etanol precisa de planejamento. Plínio Nastari – Folha de São Paulo. 13/07/2012

Notícias dão conta de que o governo avalia o possível retorno da mistura de etanol anidro à gasolina ao nível de 25%. Essa mistura foi reduzida para 20% em outubro, pelo temor de que pudesse haver falta do produto por causa da seca que afetou a cana.

Apesar do clima anormal, a decisão foi tomada no momento em que os produtores terminavam a moagem de uma safra programada para gerar uma produção de anidro suficiente para atender o mercado com 25%.

Esse planejamento contemplou, inclusive, a importação de etanol.

A redução da mistura foi implementada. Cerca de 500 milhões de litros de anidro foram transformados em hidratado, com perda econômica.

Enquanto isso, o aumento do consumo de combustíveis no mercado doméstico fez com que se agravasse a conta de importação de gasolina.

Nos últimos 12 meses, foram importados 3,7 bilhões de litros de gasolina, gerando prejuízo direto para a Petrobras de US\$ 631,7 milhões.

O retorno da mistura ao nível de 25% seria altamente desejável, caso tivesse sido planejado e anunciado com antecedência. Do ponto de vista dos produtores, poderia ser aumentado o volume de cana destinado ao etanol, com provável impacto positivo nos preços do açúcar e do etanol, contribuindo para a recuperação econômico-financeira do setor.

Para a Petrobras, cairia o prejuízo com importações de gasolina e diminuiria a pressão de logística para viabilizar a importação e a distribuição de todo esse volume.

A reversão é agora cogitada no momento em que mais de 1/3 da safra de cana já foi processada. A moagem está atrasada por conta das chuvas excessivas em maio e junho, e é provável que não haja mais tempo para que seja produzido nesta safra o volume necessário para atender a demanda adicional de anidro, caso o teor de mistura seja revertido agora.

A alternativa de importação está praticamente fechada, com o preço do etanol mais elevado no exterior, e o real menos valorizado.

Além disso, boa parte dos contratos de compra e venda de anidro no mercado interno tiveram preços fixados com base em um prêmio sobre o preço do hidratado, que é por sua vez pressionado pelo preço artificialmente baixo da gasolina, diminuindo a viabilidade da importação.

O desejável retorno da mistura ao nível de 25% precisa ocorrer de forma planejada, ou desde que esteja plenamente assegurado o seu abastecimento na safra.

O governo poderia anunciar, já, que a partir do início da próxima safra, em maio de 2013, esse será o percentual adotado. Provavelmente o mercado agradecerá.

O planejamento industrial e comercial poderia ser assim realizado com a devida antecedência, para que o mercado seja atendido.

Uma decisão precipitada pode causar um embaraço que não poderá ser novamente imputado aos produtores de etanol, que já pagaram a conta quando a decisão ocorreu no sentido contrário.

Chuvas podem incentivar produção de etanol. Mauro Zafalon – Folha de São Paulo, Mercado. 19/07/2012

A produção de etanol nesta safra pode ser maior do que a prevista inicialmente devido ao alto volume de chuvas durante a colheita da cana.

Em junho, choveu acima da média para o período na região Centro-Sul, principal produtora. Além de paralisar a colheita, o clima prejudicou a qualidade da cana.

A alta ocorrência de chuvas reduz a quantidade de açúcar na cana, o que favorece a produção de etanol, em detrimento do alimento.

Na última quinzena de junho, a quantidade de Açúcar Total Recuperável (ATR) por tonelada de cana atingiu 124,6 quilos, 7% menos que em igual período de 2011, segundo a Unica (União da Indústria da Cana-de-Açúcar).

A qualidade do insumo é um dos fatores determinantes na escolha da usina entre produzir açúcar ou álcool. "Se há redução de açúcar na cana, as usinas acabam produzindo mais etanol", diz o presidente interino da Unica, Antonio de Padua Rodrigues.

Como a remuneração do etanol anidro está próxima da do açúcar, Padua diz que parte da produção de açúcar pode dar lugar ao combustível em algumas usinas.

Ontem, a Copersucar, maior comercializadora de açúcar e álcool do país, já aumentou sua estimativa para a produção de etanol do Centro-Sul, de 20 bilhões para 21,5 bilhões de litros, e reduziu a previsão para o volume de açúcar, de 32 milhões de toneladas para 30,5 milhões, segundo a Reuters.

Para Júlio Maria Borges, da Job Economia e Planejamento, é cedo para afirmar que o aumento da produção de etanol será generalizado.

"Se o clima for mais seco do que o normal nos próximos meses, o ATR vai se recuperar e o mix de produção vai mudar pouco", diz ele, lembrando que as chuvas deram uma trégua neste mês.

Queima de cana rende multa de R\$ 1 mi a usina – Folha de São Paulo, Ribeirão. 19/07/2012

Vale do Rosário queimou 47 hectares em período proibido pelo Estado; ela vai recorrer

A usina Vale do Rosário, de Morro Agudo, foi condenada a pagar R\$ 1,154 milhão por realizar queimadas irregulares em canaviais.

A punição foi dada à empresa -pertencente à LDC Bioenergia, do grupo Louis Dreyfus Commodities- depois de uma ação civil apontar a queima de palha de cana em setembro de 2010.

Na época, de acordo com a decisão da Justiça de Barretos, a Vale do Rosário fez a queima ao ar livre em aproximadamente 47 hectares (o equivalente a 61 campos de futebol) durante um período de suspensão estabelecido pela Secretaria de Estado do Meio Ambiente.

A sentença afirma que a empresa não comprovou que o incêndio tinha sido criminoso e que a Cetesb (Companhia Ambiental do Estado de São Paulo) flagrou no local equipamentos da Vale do Rosário utilizados para a colheita da cana-de-açúcar e ainda ônibus de transporte dos trabalhadores rurais.

Procurada, a empresa sucroenergética informou, por meio de sua assessoria de imprensa, que a queimada da lavoura foi um caso de "incêndio de origem desconhecida" e que, por isso, recorrerá da decisão judicial.

Ainda segundo a sentença, o valor da multa é equivalente ao resultado econômico que a empresa tem com o produto final da cana-de-açúcar colhida nos 47 hectares alvos da queimada em 2010.

A Justiça determinou que o dinheiro seja revertido a um fundo estadual do Judiciário para reparação de danos, já que a queimada afetou o ambiente e a população.

Justiça proíbe queima da cana em 20 cidades – O Estado de São Paulo. 19/07/2012

A Justiça Federal proibiu a queima controlada da palha da cana-de-açúcar em 20 cidades da região de Piracicaba. Desde segunda-feira estão suspensas todas as licenças expedidas pela Companhia Tecnológica de Saneamento Ambiental (Cetesb) e pelo governo paulista que autorizavam que as plantações fossem queimadas para possibilitar a colheita manual. A prática, segundo ação cível do Ministério Público Federal, causa danos irreparáveis à saúde, à fauna, à flora e aos recursos hídricos, além de onerar a União.

Na decisão, que vale até o julgamento do mérito do processo, a juíza Daniela Paulovich de Lima, da 2.^a Vara Federal, determinou que sejam canceladas as emissões de novas autorizações. E exige que a Cetesb só libere queimadas após apresentação de Estudo de Impacto Ambiental/Relatório de Impacto no Meio Ambiente (EIA/Rima), um levantamento dos danos causados ao ambiente e à vida, com medidas compensatórias.

A juíza ressaltou que a queimada "evidencia não só o desrespeito ao meio ambiente, como também o desejo de baixar o custo da produção". A União da Agroindústria Canavieira do Estado de São Paulo (Unica) e a Cetesb informaram que não foram notificadas e não comentariam o assunto.

Fauna

A Justiça Federal exigiu que o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (Ibama) comece a fiscalizar os danos provocados pelas queimadas à fauna silvestre. "A queimada não mata só o animal que fica preso no fogo. Ele mata muitos atropelados durante a fuga e também os filhotes que ficam desamparados", explica o procurador da República Fausto Kosaka, autor da ação.

O procurador abre a ação afirmando que "não é contra o progresso e o desenvolvimento econômico". "O que não se pode tolerar no atual estágio de nossa civilização é que isso se dê mediante práticas dantescas, que causam o comprometimento da saúde de toda a população, a lesão ao potencial hídrico, o extermínio brutal de inúmeros espécimes animais e vegetais e a exploração de mão de obra em regime similar ao de escravidão, para o benefício econômico de alguns."

Atualmente, a legislação estadual autoriza a queima caso o pedido feito na Cetesb não seja analisado em 15 dias. Na decisão, a juíza determinou que Bombeiros e Polícia

Ambiental monitorem o descumprimento da lei. Foi estipulada multa diária de R\$ 50 mil, caso seja descumprida a determinação.

Biosev suspende abertura de capital. Aline Bronzati e Eduardo Magossi – O Estado de São Paulo, Economia. 20/07/2012

Preço da ação chegou a ser reduzido 21% em relação ao piso, mas não houve demanda

A Biosev, braço sucroenergético da trading francesa Louis Dreyfus Commodities, adiou por tempo indeterminado a sua oferta pública inicial de ações (IPO, na sigla em inglês) após reunião do conselho de administração realizada na quarta-feira. A 'Agência Estado' havia antecipado que a transação poderia não ser concluída por falta de demanda dos investidores.

Segundo uma fonte, o preço dos papéis da Biosev chegou a ser rebaixado para R\$ 13 - cifra 21% inferior ao piso da faixa inicialmente sugerida, de R\$ 16,50 a R\$ 20,50. A justificativa da Biosev para a postergação do IPO foram as "incertezas no mercado financeiro". "Foi feito um roadshow pelo Brasil, Europa e Estados Unidos. Estamos confiantes de que quando o cenário econômico se restabelecer, novas oportunidades surgirão para a concretização do IPO", afirmou, por meio de nota, o presidente do conselho da Biosev, Kenneth Geld.

Recuo. Com a desistência da Biosev, sobe para cinco o número de empresas que já recuaram na tentativa de estrear na BM&FBovespa em 2012: Brasil Travel, Seabras, Isolux e CVC.

Ontem, a Transmissora Aliança de Energia Elétrica (Taesa) fez sua oferta na Bolsa de valores e levantou R\$ 1,755 bilhão.

Caso o IPO da Biosev não seja concretizado ainda neste ano, a empresa terá de pensar em uma alternativa para encerrar o entrave existente com os acionistas que vieram da Santelisa Vale (SEV), como a família Biagi, empresa da qual foram originadas a maior parte das usinas que estão hoje na antiga LDC-Sev.

Um acordo prevê que, se a empresa não conseguisse abrir capital até meados de 2012, ela seria obrigada a recomprar suas ações, que representam cerca de 35% da estrutura acionária da Biosev, conforme dizem fontes.

Em entrevista recente à Agência Estado, Kenneth Geld, que é também presidente do conselho deliberativo da Louis Dreyfus Commodities, admitiu que a companhia tinha até este ano para abrir o seu capital, porque neste período se encerra o prazo de dois anos que os acionistas que vieram da Santelisa Vale teriam para optar em permanecer ou sair do capital social da empresa.

Na operação, a Biosev basicamente assumiu a dívida da SEV em troca da fatia majoritária. O endividamento total da companhia é de cerca de R\$ 3 bilhões e suas usinas têm trabalhado com uma grande capacidade ociosa.

De uma capacidade instalada de 40 milhões de toneladas anuais, a moagem da última safra 2011/12 foi de apenas 29 milhões de toneladas, deixando uma ociosidade de 27,5%.

Segundo maior processador de cana-de-açúcar do Brasil, o grupo produz 2,5 milhões de toneladas de açúcar e 1,5 bilhão de litros de etanol em 13 usinas, além de 1 GW de energia elétrica gerada a partir do bagaço da cana. Procurada, a Louis Dreyfus Commodities informou, por meio de sua assessoria de imprensa, que não pode se manifestar sobre o tema.

Com crise, país perde 30 usinas de cana-de-açúcar desde o ano passado. Araripe Castilho – Folha de São Paulo, Ribeirão. 21/07/2012

Segundo a Unica, representante do setor, 37 empresas estão com pedido de recuperação judicial. Usinas que estão paradas poderiam moer 32 milhões de toneladas de cana; hoje há falta de etanol no mercado

Desde 2008, quando começou a crise financeira mundial, 41 usinas de açúcar e álcool já deixaram de moer cana no Brasil. Somente em 2011 e 2012 foram 30 unidades paralisadas -16 no ano passado e mais 14 até junho.

Segundo a Unica (União da Indústria de Cana-de-Açúcar), que apresentou os números em evento ontem, em Sertãozinho, há ainda um grupo de 37 usinas que estão com pedido de recuperação judicial devido a dificuldades financeiras. Nove já faliram.

As usinas desativadas, diz a Unica, têm uma capacidade de moagem de cerca de 32 milhões de toneladas, ou 5% do potencial brasileiro.

Essa queda no poder de moagem não representa impacto para o setor porque a cana é processada por outras empresas, diz o representante da Unica Sérgio Prado.

Apesar disso, a produção de etanol não tem sido suficiente para o mercado -o que tem tornado o produto desinteressante para o consumidor. Com previsão de 550 milhões toneladas de cana para a safra atual, o país tem capacidade para moer 640 milhões.

De acordo com Prado, a crise econômica é diretamente responsável pelas paralisações. Houve problemas financeiros nas empresas, mas a queda na produção de cana é o principal entrave, disse Prado. "Não tem produto para moer, a usina para."

A falta de cana no mercado também tem suas raízes na crise de 2008, na avaliação do presidente interino da Unica, Antonio de Padua Rodrigues, já que, sem dinheiro, os produtores deixaram de investir nos canaviais.

13 MIL VAGAS A MENOS

O setor estima que as 41 unidades paradas ao longo dos últimos anos representam a extinção de 13 mil empregos diretos e outros 32 mil indiretos na área industrial.

Essa queda nos empregos e seus impactos na atividade econômica das cidades onde as usinas estão instaladas levaram o prefeito de Sertãozinho, Nério Costa (PPS), a organizar o encontro entre prefeitos e lideranças do setor, ocorrido ontem. Do evento, propostas para retomar os investimentos serão levadas ao governo federal.

Marcos Fava Neves, professor de planejamento e estratégia da USP, defende que, para incentivar o setor, será preciso reduzir impostos, elevar a 25% o etanol na gasolina e criar leilões públicos para energia gerada da cana.

O setor admite, porém, que não haveria já neste ano etanol suficiente no país para atender à demanda dos 25% na gasolina. Teria de importar, o que não agrada o governo federal.

Sem IPO, Biosev busca financiamento. Mônica Scaramuzzo – Valor Econômico. 24/07/2012

Depois de uma tentativa frustrada de abrir o capital, a Biosev, companhia de açúcar e álcool controlada pelo grupo francês Louis Dreyfus, está costurando um financiamento com bancos privados de cerca de R\$ 500 milhões para investir na expansão de seus canaviais, apurou o **Valor**. Os controladores franceses também não descartam fazer um aporte de capital para dar maior fôlego à subsidiária brasileira, que pretendia levantar no mercado entre R\$ 680 milhões a R\$ 850 milhões para garantir sua expansão, se o IPO (oferta pública de ações) fosse bem-sucedido.

Os executivos da companhia tentaram de todas as maneiras fazer com que a abertura de capital desse certo, mas concluíram durante o "road show" nos Estados Unidos, Ásia e até América Latina, que seus papéis tinham pouco apelo no mercado. Ao mesmo tempo, a companhia tentou encontrar parceiros estratégicos, já considerando que a abertura de capital poderia ser descartada. Fontes familiarizadas com a operação informaram que o grupo tentou se associar, sem sucesso, à Petrobras e a fundos soberanos, como o asiático Temasek, que tem pesados investimentos em infraestrutura no Brasil. Procurada, a Petrobras não comenta o assunto. Um porta-voz da Temasek informou que apenas foram visitados durante o "road show". A Biosev informou que não vai comentar o assunto por estar em período de silêncio.

Se não bastasse o fracasso da operação, o malsucedido processo de IPO ainda vai forçar a "convivência" por mais dois anos entre a controladora com seus acionistas minoritários - entre os quais as famílias Biagi e Junqueira Franco -, cuja relação já não estava boa há alguns meses. A Biosev é resultado da fusão, realizada em 2009, entre a Louis Dreyfus Commodities Bioenergia com a Santelisa Vale, então controlada pelos Biagi e Junqueira Franco, dois dos mais tradicionais grupos sucroalcooleiros do país. De acordo com o prospecto da companhia, as duas famílias, representadas pela Santa Elisa Participações, somam participação de 10,1% na empresa. Os controladores têm fatia de cerca de 60% e fundos de investimentos estrangeiros e credores ficam com o restante.

Em acordo de acionistas firmado em outubro de 2009, os acionistas minoritários, além de credores como os bancos Bradesco, Itaú BBA, Santander, Votorantim, HSBC, teriam direito garantido de exercer a opção de venda de suas ações à companhia no dia 28 de

agosto, caso a abertura de capital não fosse bem-sucedida. Mas os bancos que participaram do processo de IPO podem pedir um "waiver" (espécie de perdão) de até dois anos para que a empresa tente novamente abrir seu capital (*ver quadro ao lado*).

A Biosev planejava fazer a emissão de um lote inicial de 41,212 milhões de ações ordinárias em oferta primária e estimou uma faixa de preço entre R\$ 16,50 e R\$ 20,50 por papel, o que possibilitaria levantar R\$ 680 milhões a R\$ 845 milhões. Caso houvesse excesso de demanda, a Biosev poderia oferecer mais 6,182 milhões de ações ordinárias em lote suplementar e 8,242 milhões de ações em lote adicional, podendo alcançar de R\$ 1,14 bilhão.

No entanto, a baixa receptividade desses papéis no mercado levaram os acionistas a pedir para que o IPO fosse suspenso, uma vez que o valor da empresa poderia derreter. "Além das incertezas criadas pela crise global, as indústrias do setor sucroalcooleiro no Brasil não estão passando por um bom momento", disse uma fonte. "O mercado não quer comprar papéis que ofereçam riscos, como seria o caso dessa empresa."

Os investimentos de expansão da empresa são considerados estratégicos para que a companhia ganhe maior liquidez quando tentar ir novamente ao mercado. Seu plano é saltar dos 30 milhões de toneladas para 40 milhões de toneladas. Na safra 2011/12, a companhia processou 27,5 milhões de toneladas, recuo de 18% sobre o ciclo anterior. A capacidade total de suas unidades soma 40 milhões de toneladas.

A má fase do setor nos últimos anos tem abatido diversas usinas. As incertezas globais, além dos fundamentos baixistas para esse segmento, também levaram a Copersucar a desistir de iniciar o processo de abertura de capital. Com a morte do principal acionista global, Robert Louis-Dreyfus, há três anos, aumentaram os rumores de que os ativos de bionergia do grupo no Brasil fossem vendidos por conta da crise do setor e alto endividamento da empresa.

Em prospecto, divulgado na CVM, a Biosev informou que possuía um endividamento bruto de R\$ 5,471 bilhões no dia 31 de março deste ano, dos quais 67,1% correspondiam a empréstimos e financiamentos de longo prazo. No mesmo período do ano passado, o endividamento estava em 3,628 bilhões, dos quais 71,1% correspondiam a empréstimos e financiamentos de longo prazo.

Com 13 unidades produtoras, cuja capacidade atinge 40 milhões de toneladas, a companhia francesa começou a operar em cana-de-açúcar no Brasil em outubro de 2000, com a compra da usina Cresciumal, em Leme (SP). Nos últimos anos, a companhia foi expandindo seus negócios no Brasil por meio de importantes aquisições, como a compra dos ativos do grupo Tavares de Mello. A grande tacada foi a associação com a Santelisa Vale, fusão que permitiu à empresa saltar para os tão sonhados 40 milhões de toneladas por ano.

No mesmo ano da fusão entre Santelisa e Louis Dreyfus, as famílias Biagi e Junqueira Franco tinham unido forças por conta da crise pela qual passavam. Um ano antes, o grupo Cosan, capitaneado pelo empresário Rubens Ometto Silveira Mello, tinha feito uma oferta hostil para comprar os ativos dos Junqueira Franco, a Vale do Rosário, que foi recusada. Mesmo após se unirem, a situação financeira da Santelisa Vale estava delicada, levando as famílias a aprovarem a fusão com os franceses. Fontes ouvidas

pelo Valor afirmam que a relação das duas famílias com os controladores já não estava muito boa e o IPO seria a chance para que parte deles deixasse a Biosev. No entanto, com os papéis pouco atraente no mercado, os próprios minoritários concordaram em suspender a abertura de capital, na expectativa de uma liquidez maior futura. Procurados, os minoritários não comentaram o assunto.

Segunda geração já perto de ganhar escala industrial. Genilson Cezar – Valor Econômico. 24/07/2012

Bernardo Gradim: "Uma nova fronteira tecnológica que pode adicionar valor agregado à produção existente"

Com um investimento de R\$ 300 milhões, a GraalBio, empresa de soluções em biotecnologia industrial do Grupo Graal, faz a primeira investida no país, em escala industrial, na produção de biocombustíveis de segunda geração, ou seja, o etanol feito a partir de biomassa e não por meio da fermentação do açúcar da cana.

A construção da primeira planta de etanol celulósico do Brasil começa em setembro no município alagoano de São Miguel dos Campos, distante 68 quilômetros de Maceió. Terá 160 empregados e começará suas operações no final do ano que vem com uma produção de 82 milhões de litros de etanol a partir do bagaço e da planta de cana de açúcar.

Em relação ao total da produção brasileira de etanol, algo em torno de 24 bilhões de litros por ano, a produção da fábrica da GraalBio é uma fração ainda ínfima. Mas é uma iniciativa pioneira, avalia Bernardo Gradim, presidente da empresa. "Em termos de escala, a produção é muito pequena, mas a importância é muito grande. Representa uma oportunidade de uma nova fronteira tecnológica, que pode adicionar valor agregado à produção existente", diz ele. "Se a tecnologia funcionar, como esperamos, as chances de aumentar a capacidade produtiva de etanol de primeira geração são muito grandes. Podemos aumentar em até 45% a produção sem precisar aumentar a área plantada", destaca.

A planta em Alagoas será a primeira de um elenco de cinco usinas que a GraalBio espera implantar no Brasil para produzir biocombustíveis de segunda geração, informa Gradim. Uma segunda planta está sendo estudada para ser construída na Bahia. Os recursos serão financiados em parte pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) e bancos privados e outra parte proveniente de capital próprio. A fábrica utilizará inicialmente bagaço e palha de cana adquirida de produtores da região. "O modelo associativo trará complementaridade de eficiência operacional com usinas de primeira geração e ganhos de sinergia", indica Gradim.

Para dar suporte tecnológico ao desenvolvimento dos projetos, a GraalBio se associou à BetaRenewables e à Chemtex, afiliadas do grupo italiano Mossi&Ghisolfi, que desenvolveu uma tecnologia única de pré-tratamento e conversão de biomassa, batizada como Proesa, capaz de converter vários tipos de matéria-prima em diversos bioquímicos e biocombustíveis. A própria BetaRenewables, de acordo com Gradim, vai implantar uma biorrefinaria em Crescentino, na Itália, de porte semelhante à brasileira, para

produzir 70 milhões de litros de etanol/ano, com a mesma tecnologia Proesa, prevista ainda para este ano.

Na planta de Alagoas, a GraalBio deve contar também com outros dois parceiros - a Novozymes, que vai fornecer uma avançada geração de enzimas, e a DSM, responsável pelo fornecimento das leveduras geneticamente modificadas que fermentarão o etanol de segunda geração. A Novozymes, segundo Pedro Luiz Fernandes, presidente regional para a América Latina, tem planos de construir uma unidade industrial no Brasil, especificamente para fornecer enzimas de última geração para o desenvolvimento de etanol de segunda geração. "Depende de uma definição da GraalBio, onde serão instaladas as suas outras unidades, mas também pode ser em São Paulo, Estado que concentra a maioria das 400 usinas de cana-de-açúcar, que também poderão ser usadas para a produção de biocombustíveis de segunda geração", diz Fernandes.

A DSM, corporação global com faturamento de € 9 bilhões em 2011, que opera em várias áreas de negócios, como nutrição humana, nutrição animal, enzimas especiais para nutrição humana e para alimentos, produtos para cuidados pessoais, plásticos de engenharia, resinas, fibras intermediárias e fármacos, está investindo US\$ 150 milhões em parceria com a POET na construção de uma planta comercial para produzir 95 milhões de litros de etanol celulósico, baseada em resíduos de milho, a partir do final de 2013. "Estamos vendo a possibilidade de replicar o modelo americano no Brasil", conta Eduardo Estrada, presidente da empresa.

Com 24 unidades produtores de açúcar, etanol e bioenergia, e capacidade estimada para produzir 80 milhões de toneladas de cana na safra 2016/2017, a Raízen também tem planos de investimento no mercado de biocombustíveis de segunda geração.

Biosev fecha empréstimo com bancos. Mônica Scaramuzzo – Valor Econômico. 25/07/2012

A Biosev confirmou ontem que a subsidiária LDC Bioenergia International firmou, no dia 13 de julho, contrato de empréstimo com um grupo de bancos no valor de até US\$ 210 milhões. O **Valor** antecipou que a empresa de açúcar e álcool, controlada pela francesa Louis Dreyfus, estava costurando um financiamento com bancos privados após desistir de fazer uma oferta pública de ações. A Biosev foi procurada na segunda-feira para comentar o assunto, mas disse que estava em período de silêncio e não confirmou a informação.

O acordo com os bancos privados foi fechado uma semana antes de a empresa informar ao mercado que suspenderia a abertura de capital, o que confirma o que fontes disseram ao **Valor**. Como o "road show" não foi bem-sucedido, a companhia tentou várias alternativas, como firmar parcerias estratégicas com empresas como a Petrobras e fundos soberanos como o asiático Temasek, e foi atrás de financiamento para garantir seus projetos de expansão.

Conforme a companhia, do total do empréstimo, US\$ 126 milhões são amortizáveis em sete parcelas, com vencimento final em 31 de janeiro de 2015, e US\$ 84 milhões são referentes a uma parcela rotativa, com vencimento em 31 de janeiro de 2015. O prazo de repagamento de cada desembolso da parcela rotativa é de, no máximo, um ano. As

instituições envolvidas são Crédit Agricole (Londres), Natixis (os coordenadores), ABN Amro, ING, Standard Chartered Bank e Israel Discount Bank of New York.

Em comunicado, o diretor financeiro da Biosev, Serge Stepanov, disse que "a parcela amortizável de referido contrato de empréstimo não aumentará o endividamento da Biosev, na medida em que será utilizada para substituir dívidas de curto prazo com taxas médias de juros superiores, melhorando o custo médio do nosso endividamento. A parcela rotativa, por sua vez, traz flexibilidade na gestão de nosso capital de giro."

ETH tem prejuízo de R\$ 793 milhões na safra 2011/12. Gerson Freitas Jr. – Valor Econômico. 26/07/2012

A ETH Bioenergia, unidade de açúcar, álcool e energia do grupo Odebrecht, amargou um prejuízo de R\$ 793,05 milhões no exercício referente ao ano-safra 2011/12, encerrado em 31 de março. Trata-se de um aumento de 133% em relação à perda de R\$ 338,91 milhões do ciclo anterior. No período, a receita líquida da companhia cresceu 64,96%, de R\$ 878,37 milhões para R\$ 1,45 bilhão, impulsionada pelo aumento da produção.

Na safra 2011/12, a ETH processou 13 milhões de toneladas de cana-de-açúcar, um aumento de 44% em relação à safra anterior. Ao todo, foram produzidos 944 milhões de litros de etanol (entre anidro e hidratado) e 180 mil toneladas de açúcar.

No entanto, os custos de produção também cresceram, 67%, passando de R\$ 831,21 milhões em 2010/11 para R\$ 1,38 bilhão na safra 2011/12. Marcelo Mancini, vice-presidente comercial e de negócios internacionais da ETH, disse ao **Valor** que os custos mais altos refletem a expansão da capacidade ociosa na última temporada.

Com o início das atividades em duas novas usinas, Costa Rica (MS) e Água Emendada (GO), a ETH já pode esmagar 36 milhões de toneladas de cana-de-açúcar em suas nove plantas, um crescimento de aproximadamente 8 milhões de toneladas em apenas uma temporada. Na atual safra, a 2012/13, esse número deve chegar a 40 milhões de toneladas.

"Nossa capacidade instalada já atingiu um nível compatível com a produção esperada para a safra 2014/15. Como 70% dos nossos custos são fixos, os custos unitários de produção crescem muito", explica Mancini. Segundo ele, a ETH espera esmagar 20 milhões de toneladas na safra 2012/13, volume que deve gerar uma receita de R\$ 2,6 bilhões.

Já as despesas financeiras saltaram 126,53%, de R\$ 320,33 milhões para R\$ 725,67 milhões, no último exercício. De acordo com Mancini, o aumento reflete as dívidas contraídas para financiar os últimos investimentos.

Ao fim do exercício, a empresa devia R\$ 1,67 bilhão em empréstimos e financiamentos de curto prazo (vencimento em até 12 meses), um crescimento de 111% em relação aos R\$ 794,70 milhões devidos ao fim da safra 2010/11.

A empresa, que nos últimos anos investiu R\$ 8 bilhões na compra e construção de usinas, possui ainda uma dívida financeira de R\$ 6,42 bilhões de longo prazo (vencimento até 2028). Em 31 de março, a empresa possuía R\$ 242,35 milhões em caixa, além de estoques avaliados em R\$ 624,08 milhões.

Mancini afirma que a dívida não preocupa e pode ser paga com a receita da produção, que deve praticamente triplicar nas próximas três safras. "Cerca de 80% da nossa dívida é de longo prazo e uma parcela muito pequena está atrelada ao dólar. Além disso, não temos qualquer dificuldade de acesso a crédito", garante o executivo.

A ETH corre para ampliar os canaviais e aumentar sua oferta de matéria-prima. Na última safra, a empresa cultivou mais 100 mil hectares, elevando sua área plantada para 300 mil hectares. Outros 120 mil devem ser cultivados já na safra 2012/13, segundo Mancini.

A empresa precisa atingir 570 mil hectares para fazer frente à sua capacidade de moagem. Para atingir a meta, a ETH também tenta estimular produtores da região a ampliar seus canaviais.

Infinity Bio-Energy capta US\$ 75 mi para reorganizar operação. Eduardo Magossi – O Estado de São Paulo, Economia. 31/07/2012

A Infinity Bio-Energy, produtora de açúcar e etanol controlada pelo grupo Bertin, informou ontem que recebeu um aporte de US\$ 75 milhões de fundos americanos. Segundo o presidente da empresa, Douglas Oliveira, a operação foi fechada em junho e a empresa já recebeu a primeira parcela, de US\$ 38 milhões.

A segunda parte deverá ser recebida em 45 dias. O prazo de pagamento é de três anos. Cerca de 75% dos recursos serão utilizados para recomposição do canavial, disse Oliveira. Os investimentos visam melhorar a eficiência das seis usinas da empresa, que operam abaixo da capacidade de moagem por falta de matéria-prima. As usinas têm capacidade para moer 9 milhões de toneladas, mas processaram apenas 6,2 milhões de toneladas na safra 2011/12.

Embora abaixo da capacidade, o volume foi bem superior aos 4 milhões de toneladas moídos anteriormente. Para a safra 2012/13, a previsão da Infinity Bio-Energy é atingir 6,5 milhões de toneladas.

O aumento da moagem e um projeto de reestruturação iniciado no final do 2010, quando o grupo Bertin assumiu o controle da empresa, fez com que a Infinity registrasse seu primeiro resultado operacional positivo na safra 2011/12, com receita líquida de R\$ 606 milhões e um Ebitda de R\$ 134,4 milhões.

Mesmo assim, a empresa teve prejuízo líquido de R\$ 7 milhões na safra 2011/12. As perdas, no entanto, ficaram abaixo das registradas na safra anterior, de R\$ 339 milhões. "O prejuízo é resultado de não termos acesso a financiamentos bancários nem ao BNDES por estarmos em recuperação judicial", disse Oliveira.

Ele espera que a empresa deixe de ter prejuízo ainda nesta safra. Segundo ele, assim que a empresa sair da recuperação judicial conseguirá crédito a juros mais baixos. "Operacionalmente, o Ebtida mostra que estamos melhores", afirma. A Infinity protocolou a saída da recuperação judicial em que se encontra desde 2009 no início de junho e agora aguarda apenas o o pronunciamento do juiz.

POLÍTICA NACIONAL DE AGROBIOCOMBUSTÍVEIS

Biodiesel

Produção de biodiesel pode dobrar no Brasil com uso de óleo de palma. Marcio Beck – O Globo. 01/07/2012

Governo precisa certificar mais agricultores familiares, diz representante do setor

A produção brasileira de biodiesel poderia dobrar se tivesse como base o óleo de palma (azeite de dendê) em vez do óleo de soja, afirma o presidente da Câmara Setorial da Palma de Óleo, Eduardo Ieda. Segundo ele, a palma possui produtividade (tonelada de óleo por hectare plantado) dez vezes maior do que a da soja, matéria-prima que respondeu por 80,79% dos 2,67 bilhões de litros de biodiesel produzidos em 2011, segundo a Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP).

Para isto, afirma Eduardo Ieda, o governo federal e os governos estaduais precisarão aumentar a capacidade de certificar agricultores familiares para receber financiamento para a produção de palma.

- O governo estava preparado para dar certificados a cerca de 150 agricultores familiares por ano, e estamos precisando ter esse volume por mês - diz ele, que também preside a Vale Biopalma, empreendimento da Vale (70%) com a MPS (30%) no Pará.

Apenas nos cinco primeiros meses deste ano, o número de contratos da linha do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar para a cadeia da palma (Pronaf-Dendê) foi 433% maior que no ano passado inteiro: 352 contratos de janeiro a maio, contra 66 em 2011. O valor médio dos contratos é de R\$ 65,3 mil.

O GLOBO entrou em contato com o Ministério do Desenvolvimento Agrário, responsável pela operação do Pronaf Dendê, mas não recebeu retorno dos pedidos de informações sobre o programa.

Apenas nos cinco primeiros meses deste ano, o número de contratos da linha do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar para a cadeia da palma (Pronaf-Dendê) foi 433% maior que no ano passado inteiro: 352 contratos de janeiro a maio, contra 66 em 2011. O valor médio dos contratos é de R\$ 65,3 mil.

O GLOBO entrou em contato com o Ministério do Desenvolvimento Agrário, responsável pela operação do Pronaf Dendê, mas não recebeu retorno dos pedidos de informações sobre o programa.

Eduardo Ieda afirma que é necessário mudar o quadro de predominância da soja.

- Estamos trabalhando muito para aumentar o plantio de palma, com empresas que têm vindo para o Pará, além da Vale.

Dados da ANP mostram que a participação da soja na produção de biodiesel caiu no ano passado, após ter atingido o pico de 83,3% em 2010, enquanto a participação da gordura bovina (sebo) subiu de 13,1% para 13,8% e os óleos de algodão e de girassol, de 3,6% para 5,4%.

Presidente da Câmara Setorial do Biodiesel e Oleaginosas, Odacir Klein diz que não vê "conflito" entre o uso do óleo de soja e a entrada do óleo de palma para a produção do biodiesel, que deverá ocorrer a partir de 2014. Segundo ele, a redução da participação da soja não é preocupante porque o produto tem diversos usos na indústria alimentícia.

- Não haveria programa de biodiesel no Brasil se não fosse a soja, uma oleaginosa da qual o país é autossuficiente e exportador - defende Klein. - No primeiro momento, a produção a partir da soja foi importante para que o mercado fosse atendido, mas a tendência é que outras matérias-primas ganhem espaço.

Produção nacional não atende à demanda interna

Como mostram dados da Câmara Setorial da Palma de Óleo, o Brasil deve consumir este ano 520 mil toneladas de óleo de palma, feito da polpa do fruto da palmeira e empregado na indústria alimentícia. Também deverão ser consumidas 200 mil toneladas de óleo de palmiste, feito a partir da amêndoa da palma e usado principalmente na indústria de cosméticos. Em valores, os volumes representam R\$ 696 milhões (R\$ 2,9 mil/tonelada) e R\$ 89,7 milhões (R\$ 3,9 mil/tonelada), respectivamente. A produção nacional, porém, só é capaz de atender a cerca de 45% da demanda por óleo de palma e 10% de óleo de palmiste.

A produção de biodiesel de palma ainda é zero no país, mas o panorama deve mudar em 2015, quando entrar em operação a usina da Vale Biopalma no Pará, que produzirá 600 mil toneladas em 2019. A Petrobras também desenvolve uma produção de palma no estado, com a Galp Energia, mas voltada ao mercado europeu. A petrolífera instalará em Portugal, em 2015, uma usina com capacidade de 256 mil toneladas de biodiesel por ano.

Mamona e pinhão-manso podem ser matérias-primas para biorrefinarias. Site do MAPA. 06/07/2012

A busca de alternativas para o aproveitamento total da biomassa das culturas fortalecem o conceito agroenergético

As dificuldades para determinar substâncias tóxicas nas tortas da mamona e do pinhão-manso permearam as discussões no Simpósio de Destoxificação e Aproveitamento de Tortas de Pinhão-manso e Mamona (SiDAT). O evento foi realizado no auditório da Embrapa Estudos e Capacitação (Brasília-DF). A Embrapa Agroenergia (Brasília-DF) e

a Embrapa Algodão (Campina Grande-PB) foram as instituições responsáveis pela organização do Simpósio, que contou com o apoio do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa).

As discussões giraram em torno dos métodos analíticos para identificação de substâncias tóxicas e das alternativas, além da ração e dos fertilizantes. A primeira palestra foi ministrada pelo diretor da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO) Harinder Makkar, que desenvolveu o método analítico mais utilizado atualmente para determinação de ésteres de forbol – principal substância tóxica do pinhão-mansão. Na mesma mesa-redonda de que participou Makkar, pesquisadores brasileiros apresentaram as alternativas que estão utilizando para monitoramento e controle de qualidade de destoxificação das tortas.

Uma das opções apresentadas foi a realização de bioensaios que empregam espécies de caramujos que são altamente sensíveis a doses muito pequenas de ésteres de forbol, metodologia que poderá ser empregada, por exemplo, na avaliação de adulteração de rações.

Biorrefinarias

As novas formas de agregar valor e aproveitar as tortas também permearam os debates no SiDAT. Nesse sentido, foi defendida a busca de alternativas para o aproveitamento total da biomassa das culturas em questão, fortalecendo o conceito de biorrefinarias. Nesse tipo de indústria, diversas instalações utilizam a biomassa para dar origem, por meio de processos sustentáveis, a energia e vários produtos: biocombustíveis, rações, fertilizantes, produtos químicos. “Nós não queremos perder um micrograma”, afirmou Makkar, sobre os desafios e oportunidades para utilização do pinhão-mansão. Ele acredita que os ésteres de forbol da oleaginosa possam ser empregados na fabricação de biopesticidas e aposta também no aproveitamento da lignina da casca, como combustível.

O chefe de Pesquisa e Desenvolvimento da Embrapa Agroenergia, Guy de Capdeville, desafiou os participantes a apresentarem, no próximo Simpósio, mais trabalhos voltadas à área de biorrefinarias. “Essas ações vão conferir valor agregado muito maior a essas oleaginosas”, disse.

Mamona, pinhão-mansão e outras culturas energéticas estarão novamente em debate este mês, no V Congresso Brasileiro de Mamona. Promovido também pela Embrapa Algodão e a Embrapa Agroenergia, com o apoio do Mapa, o evento acontece do dia 16 ao 19, em Guarapari/ES. Mais informações: www.cbmamona.com.br.

Congresso promove debate sobre mamona e culturas renováveis de biocombustível – Site do MDA. 16/07/2012

Agricultores familiares, cientistas, pesquisadores, estudantes e representantes governamentais e não governamentais que trabalham com oleaginosas energéticas vão discutir os rumos da pesquisa, da produção, da industrialização e as perspectivas das culturas como fonte renovável de biocombustíveis e na produção industrial, em evento com apoio do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA).

Trata-se do V Congresso Brasileiro de Mamona (CBM), no Espírito Santo, uma promoção da Embrapa Algodão e Embrapa Agroenergia. Durante o encontro, que começou nesta segunda-feira (16) e termina na próxima quinta-feira (19), também serão discutidas as oportunidades de emprego geradas no campo e na cidade.

Durante os quatro dias serão apresentados trabalhos de diferentes segmentos da cadeia agroindustrial das culturas oleaginosas. Paralelamente ao congresso, ocorre o II Simpósio Internacional de Oleaginosas Energéticas (II SIOE) e o I Fórum Capixaba de Pinhão-Manso (I FCPM). Na terça-feira, 17, o coordenador de Biocombustíveis do Ministério do Desenvolvimento Agrário, André Machado, realiza conferência com o tema “Análise estratégica de produção de agroenergia pela agricultura familiar no Brasil”.

Na programação do congresso, palestras, conferências, apresentações de trabalhos e mesas-redondas, além de minicursos com debate sobre Tecnologias em uso para produção de biocombustíveis de biomassa e óleos vegetais, Mecanização da pequena propriedade rural e Tecnologias para produção de híbridos de mamona. Outros minicursos são Resultados de pesquisa e avanços no cultivo de pinhão-manso, Tecnologias de produção de oleaginosas no Semiárido brasileiro e Experiências em consórcios agroecológicos.

Também serão realizadas conferências sobre políticas públicas para a produção do biodiesel no Brasil, com um representante da Casa Civil da Presidência da República; sobre a produção de oleaginosas no Brasil, com um representante do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento; e sobre a Mamona, importante produto agrícola do semiárido brasileiro, com um representante da Embrapa Algodão.

Mais de 400 trabalhos foram inscritos para o evento, principalmente relacionados às culturas da mamona, amendoim, cártamo, girassol, gergelim. Os eventos contam com o apoio do Incaper, vinculado à Secretaria de Agricultura do estado do Espírito Santo, Sudene, Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) e do Banco do Nordeste e da Petrobrás Biocombustível.

Etanol

Injeção no etanol. Vivian Oswald – O Globo. 01/07/2012

Após álcool perder da gasolina por um ano e meio, governo lança pacote já para a próxima safra

A decisão do governo de evitar, por meio de subsídios a gasolina e diesel, que a alta dos preços do petróleo chegue ao consumidor pode conter a inflação, mas põe em xeque um dos projetos mais ousados do Brasil, o programa do etanol. Na bomba, o álcool tem perdido a disputa com os combustíveis fósseis. Desde janeiro do ano passado, sai mais barato para o brasileiro usar gasolina, de acordo o monitoramento da Agência Nacional

do Petróleo (ANP). Com isso, a produção de etanol vem perdendo fôlego e o setor admite estar em crise. Por isso, o governo deve lançar até setembro um conjunto de medidas para estimular o segmento. Em estudos, a retirada do PIS e da Cofins, desoneração de investimentos e juros mais baratos.

Se em 2009 o etanol abastecia 54% da frota nacional de veículos médios, hoje, no país do carro flex, esse percentual já não passa de 35%, segundo dados da União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Unica), embora 85% das vendas de veículos leves da indústria automotiva sejam de modelos flex, que já somam cerca de 50% da frota nacional.

- O aumento da gasolina agora levaria o consumidor para o álcool, e não há álcool para suprir a demanda.

Além de pressionar o preço da gasolina, ia subir também o do álcool e, por tabela, o da gasolina novamente, uma vez que anidro usado na mistura acompanharia o hidratado - disse um integrante do governo.

A indústria vive um dilema. Os empresários atribuem a queda na produção, em parte, à crise financeira de 2008 e às intempéries climáticas dos últimos dois anos. Mas também apontam a falta de previsibilidade e de uma vez que anidro usado na mistura acompanharia o hidratado - disse um integrante do governo.

A indústria vive um dilema. Os empresários atribuem a queda na produção, em parte, à crise financeira de 2008 e às intempéries climáticas dos últimos dois anos. Mas também apontam a falta de previsibilidade e de segurança jurídica como obstáculos a novos investimentos. Alegam que não há políticas claras para o etanol e se queixam de terem sido deixados em segundo plano nos últimos anos. Eles avisam que, se não forem investidos R\$ 115 bilhões nos próximos dez anos, não será possível atingir um equilíbrio no mercado de combustíveis. Só assim o país poderia dobrar a sua capacidade de produção - de um bilhão de litros por mês - e ainda ter um excedente para exportar.

- Isso é possível e aconteceu entre 2001 e 2010, quando crescemos o que levamos 500 anos para crescer. Não queremos subsídios, mas precisamos de garantias de que o negócio é rentável para levá-lo adiante - disse um representante do setor.

Etanol na gasolina pode aumentar

Estudos do mercado mostram que se tivessem sido investidos entre US\$ 15 bilhões e US\$ 20 bilhões nos últimos quatro anos, a produção de álcool hoje seria de mais 12 bilhões de litros, equivalente ao consumo de um ano.

O governo, por sua vez, embora reconheça as dificuldades vividas nos últimos dois anos pelo setor, cobra eficiência à indústria, que ainda mantém altos custos de produção, capacidade ociosa de 25% nas usinas e baixos índices de renovação do canavial.

- O álcool tem que ser competitivo com o barril do petróleo a US\$ 111 e a US\$ 89, como está agora - disse este técnico do Executivo.

Nos bastidores, a gravidade da situação do setor sucroalcooleiro é apontada como principal justificativa para o governo ter passado por cima do discurso da sustentabilidade e optado por pagar mais uma vez a conta da gasolina, por meio dos subsídios da Cide, contribuição sobre combustíveis que foi zerada na semana passada para permitir o reajuste dos combustíveis nas refinarias sem repasse aos postos.

Não se descarta como medida emergencial aumentar a mistura do anidro na composição da gasolina, hoje em 20%, que pode chegar a 25%. Em outra frente, o governo quer transformar o etanol em commodity negociada no mercado internacional para garantir preços e mercado. Para isso, tem memorandos de entendimento com 77 países e já financiou pesquisas de viabilidade em 12 nações (seis americanas e seis africanas).

O Executivo admite a necessidade de um plano para os próximos dez anos e já avisou ao setor que fará uma grande reunião para discutir investimentos. No ano passado, foi anunciado um grande pacote para mudar o cenário do setor num horizonte de três a quatro anos. As linhas de crédito estão disponíveis para a estocagem, mas o setor se queixa dos juros e da burocracia. Além disso, a linha não poderia ser usada por empresas estrangeiras. E, segundo dados do setor, 25% das firmas têm controle estrangeiro.

Novata no mercado, a ETH foi criada em 2007 com a aquisição de usinas mais antigas. A empresa, que hoje produz 35 milhões de toneladas de cana, está ampliando suas instalações: vai investir US\$ 1 bilhão e deve chegar a uma produção de 40 milhões de toneladas.

- Somos uma empresa onde o acionista tem visão de longo prazo. Sabe que o setor está passando por um momento difícil, com margem apertada. A demanda da frota flex é enorme e a necessidade de fechar o balanço da matriz energética renovável em 2020 também - disse o presidente da ETH, Luiz Mendonça.
-

Do ocaso nos anos 90 ao sucesso atual. Vivian Oswald – O Globo. 01/07/2012

Petrobras chegou a manter gasolina artificialmente cara para álcool ficar mais atraente

Ainda na década de 70, pouco depois da crise do petróleo que atingiu o mundo inteiro, o governo militar lançou o chamado Programa Nacional do Alcool. O Proálcool foi criado em 14 de novembro de 1975 pelo decreto número 76.593 para estimular a produção do álcool por meio de subsídios e reduzir a dependência brasileira do petróleo.

A opção pela cana-de-açúcar como matéria-prima se deu pela queda dos preços do açúcar no mercado internacional. Além disso, a cana tem o mais alto retorno para os agricultores por hectare plantado, o que permitiu ao país produzir nada menos que 15 bilhões de litros do combustível nos dez anos que se seguiram ao início do programa.

Em 1979, um novo choque do petróleo abalou o mundo. E, no início da década de 80, o álcool dava sinais de ser uma ideia bem-sucedida. Um quarto dos carros vendidos no

país em 1981 era movido a álcool. Além de diminuir a poluição, a nova matriz energética promovia a criação de milhares de postos de trabalho. Mas, de

olho na explosão dos preços do açúcar, nos anos 90, os produtores acabaram deixando o etanol de lado, causando uma queda importante no abastecimento do combustível no mercado interno e incertezas para o consumidor.

O Proálcool consumia US\$ 10 bilhões dos cofres públicos já na década de 90. A Petrobras cobria os custos de produção, o que levou a estatal acumular prejuízos de mais de US\$ 600 milhões desde 1981. Para manter o álcool atraente, o governo manteve o preço da gasolina artificialmente alto - um dos mais caros do mundo. Em 1995, o programa passou por uma revisão e registrou novo boom, que foi prejudicado pela crise financeira internacional de 2008 e pelas condições climáticas que tornaram as entressafas dos dois últimos anos especialmente difíceis. O sucesso do carro flex, que já representa mais de 80% das vendas de veículos no país, tem ajudado a garantir o mercado, assim como a necessidade de se encontrar fontes de energia renováveis em todos os países do mundo. Hoje, o setor emprega mais de um milhão de trabalhadores em todo o país.

'Podemos ter uma nova fase em 2013' – O Globo. 01/07/2012

Preparando-se para inaugurar a Usina Boa Vista, em 2015, a maior empresa do mundo para açúcar e etanol, em parceria com o grupo São Martinho, no município de Quirinópolis, em Goiás, a Petrobras Biocombustível demonstra confiança no futuro do etanol. No entanto, o presidente da companhia, Miguel Rossetto, afirmou ao GLOBO que o cenário atual é preocupante e que o governo deve acenar com uma agenda positiva para o setor ainda este ano, para iniciar uma nova fase já em 2013.

O GLOBO: *Quais são as perspectivas para o etanol?*

MIGUEL ROSSETTO: A mensagem da Petrobras é de crescimento. Vamos continuar com investimentos crescentes, aumentando a nossa produção, com novos projetos e aquisições.

Mas o cenário atual é muito ruim...

ROSSETTO: Os cenários, obviamente, são preocupantes. Em 2009, o etanol ocupou 54% em volume do combustível que abasteceu os veículos leves. Em 2012, o cenário é 35%. Existe uma demanda crescente por combustíveis para a oferta de automóveis e motos no Brasil, que cresce 6% ao ano. O etanol não consegue acompanhar. O Brasil tem um compromisso estratégico com a pauta de ampliar as energias renováveis na matriz energética.

O que é necessário para essa retomada?

ROSSETTO: Temos que ter um compromisso claro com o papel do etanol na matriz de combustíveis do Brasil. É preciso uma forte agenda de inovação tecnológica, ampliação da eficiência produtiva em todas as etapas da produção. Tem que ter aumento de produtividade de canavial, eficiência industrial, diminuição de perda de logística,

avanço do etanol de segunda geração. É preciso recuperar o dinamismo tecnológico que o setor já teve e não dispõe. Isso significa redução de custos. Uma agenda dessas passa por questões tributárias, redução de custo de capital.

O Brasil está preparado para a expansão?

ROSSETTO: O Brasil se preparou para a expansão, com áreas de proteção ambiental e compromisso de qualidade das relações de trabalho. Tivemos problemas, sim, a partir de 2008, e problemas climáticos pesados, duas safras com problemas sérios, o que reduziu muito a oferta de cana. Teve o preço teto da gasolina e a redução da mistura do álcool na gasolina, que afeta o mercado também. É possível trabalhar no segundo semestre com medidas que inaugurem uma nova fase para 2013.

Petrobras antevê mercado de etanol ainda retraído em 2015. Fabiana Batista – Valor Econômico. 05/07/2012

O presidente da Petrobras Biocombustível (PBio), Miguel Rossetto, avalia que o tamanho do mercado de etanol não será em 2015 o que se imaginava há um ou dois anos. Por isso, neste momento, a estatal se restringiu a manter os investimentos em produção de etanol no período entre 2012 e 2016, em vez de aumentá-los, como esperava o mercado.

"Estamos cumprindo com os aportes na produção de etanol, mas não vamos investir mais recursos do que o anteriormente previsto porque vemos um encolhimento desse mercado até 2015. A orientação clara do conselho de administração da companhia é que todos nossos investimentos devem ser feitos quando há um retorno financeiro", esclarece Rossetto.

Ele diz ser preocupante o fato de o etanol ter tido em 2009 um market share no Brasil de 54% entre os veículos do chamado ciclo otto (que abastecem com etanol, gasolina e gás natural) e estar alcançando agora em 2012 uma participação de apenas 35%. "Esse recuo fez acender a luz laranja", diz o executivo sobre a baixa rentabilidade do setor.

Rossetto explica que dentro da categoria "biocombustíveis" há três áreas de negócios dentro da Pbio: produção, pesquisa e infraestrutura, cuja somatória de investimentos para o período entre 2012 e 2016 é de US\$ 3,8 bilhões, recuo de US\$ 300 milhões em relação ao previsto entre 2011 e 2015.

Essa retração refletiu o menor aporte na área de logística para etanol, cujos aportes para os próximos quatro anos recuaram de US\$ 1,3 bilhão para US\$ 1 bilhão. "A maior parte dos investimentos da Pbio na Logum [empresa de logística multimodal para etanol na qual a estatal tem 20%] já foram feitos no ano passado. A parcela para este ano é menor", diz Miguel Rossetto.

As outras duas áreas de negócios mantiveram a mesma previsão de recursos para o período entre 2012 e 2016, segundo o executivo. A de produção de biocombustíveis seguirá com US\$ 2,5 bilhões e o Cenpes (Centro de Pesquisa e Desenvolvimento), com US\$ 300 milhões.

Até agora, o braço de biocombustíveis da Petrobras investiu em torno de R\$ 2 bilhões, para atingir até 2015 o processamento de 32 milhões de toneladas de cana-de-açúcar e a produção de 2 bilhões de litros de etanol. Para isso, se associou a três empresas do setor: a São Martinho, na criação da Nova Fronteira Bioenergia, para projetos em Goiás, a Guarani (Tereos Internacional), com foco em São Paulo, e a mineira Total.

No entanto, a meta de produzir 1,2 bilhão de litros com as três parceiras foi frustrada este ano, devido à falta das essenciais chuvas de janeiro a março, e rebaixada para 1 bilhão de litros. Entre maio e junho, os canaviais do Centro-Sul do Brasil tiveram outro revés com a ocorrência de chuvas atípicas, mas Rossetto garante que as últimas previsões estão mantidas. "Seguimos investindo em canaviais e em melhorias tecnológicas", afirma.

Fora dessas atuais parceiras, a PBio tinha ainda em mente realizar outros investimentos para atingir até 2015 a produção de 5,6 bilhões de litros de etanol. Para isso, a estatal tem na manga outros US\$ 1,9 bilhão. Mas, diante da baixa viabilidade econômica de se investir na implantação de usinas novas de etanol ou de adquirir plantas já existentes, Rossetto já não nega que pode haver postergação das metas antes previstas para 2015. "Estamos acompanhando o desenrolar desse cenário", disse ele. Ele se refere também ao terceiro ano consecutivo de quebra na lavoura de cana, que tem trazido grandes barreiras à rentabilidade do setor, por elevar em demasia os custos de produção.

Rio Tietê inicia produção de balsas. Francisco Góes – Valor Econômico. 06/07/2012

As primeiras barcaças fluviais da Transpetro para o transporte de etanol na hidrovía Tietê-Paraná começam a ganhar forma. Em agosto, o Estaleiro Rio Tietê, de Araçatuba (SP), vai cortar o aço que será usado na montagem do primeiro comboio hidroviário da Transpetro, formado por quatro balsas e um empurrador.

A previsão é que esse conjunto seja entregue para operação no primeiro trimestre de 2013, disse Sérgio Machado, presidente da Transpetro, subsidiária da Petrobras. No total, a empresa encomendou 20 comboios hidroviários ao Rio Tietê, cujos sócios são o Estaleiro Rio Maguari e a Estre Petróleo e Gás, cada um com 50%. Os comboios formam um sistema integrado por 20 empurradores e 80 balsas para armazenar e transportar o etanol.

Todo esse pacote vai exigir investimentos de R\$ 432,3 milhões, dos quais 85% ou R\$ 371,3 milhões financiados pelo Fundo da Marinha Mercante (FMM) via Caixa Econômica Federal. Essa foi a primeira operação fechada pela Caixa como agente financeiro do fundo. Cada comboio terá capacidade de transportar 7,6 milhões de litros e, quando o sistema estiver totalmente operacional, a partir de 2015, o volume de álcool transportado pela hidrovía deverá chegar a 4 bilhões de litros por ano.

A Transpetro informou que os contratos de transporte estão sendo negociados, mas não citou nomes de clientes. Entre os potenciais usuários do sistema, estão produtores de álcool e distribuidores de combustíveis. O projeto também permitirá que as embarcações transportem derivados de petróleo, o que tende a melhorar a logística de abastecimento do Centro-Oeste.

Fábio Vasconcellos, diretor do Estaleiro Rio Tietê, disse que 90% das obras da unidade estão prontas. O estaleiro foi construído com recursos próprios dos acionistas. Mas o Rio Maguari já entrou com um pedido de financiamento de R\$ 22,5 milhões no FMM, montante equivalente a 75% do investimento total no projeto, de R\$ 30 milhões. As barcaças e os empurradores encomendados ao Rio Tietê integram o chamado Promef Hidrovía, versão do Programa de Expansão e Renovação da Frota (Promef) que a

empresa lançou para a construção de navios dedicados ao transporte marítimo de petróleo e derivados.

O Promef Hidrovia faz parte do sistema integrado de transporte de etanol, que inclui a construção de um etanolduto, com centros coletores espalhados por estados produtores como Minas Gerais, São Paulo, Goiás, Paraná e Mato Grosso do Sul. Na hidrovia Tietê-Paraná, o etanol seguirá em barcas até o novo Terminal de Anhembi (SP). Dali o combustível será bombeado por duto até a refinaria de Paulínia de onde sairá para abastecer os mercados interno e externo. Os terminais marítimos da Transpetro no Rio e em São Paulo vão responder pela exportação.

A encomenda feita pela Transpetro deve dobrar o número de barcas em operação na hidrovia Tietê-Paraná, mas no início deste ano a Logum Logística, empresa com participação da Petrobras, indicou que seriam necessárias melhorias na infraestrutura da hidrovia para tornar a operação mais competitiva. Cada comboio tem capacidade de carga equivalente a 172 carretas ou 86 vagões ferroviários.

País terá de importar etanol para ampliar mistura na gasolina. O Estado de São Paulo. 07/07/2012

A proposta da Petrobras, em análise pelo Ministério de Minas e Energia, de aumentar de 20% para 25% o teor de álcool anidro na gasolina esbarra na incapacidade do mercado produtor brasileiro de atender a expansão de imediato.

No curto prazo, seria preciso importar etanol. Com mais etanol na mistura, a Petrobras teria um alívio de caixa, pois reduziria a necessidade de importação de gasolina. Para o presidente executivo interino da União da Indústria da Cana-de-Açúcar (Unica), Antonio de Padua Rodrigues, “é muito difícil chegar aos 25% com produção nacional”.

Um desafio para os produtores é que a safra atual de cana-de-açúcar já está com andamento de 25% a 30%. Ou seja, a indústria já planejou as produções em curso para a atual mistura de 20%. Uma decisão do governo sobre o tema seria mais conveniente no início da safra, em abril, segundo Padua Rodrigues. “É importante sair com a regra já definida no início da safra”, afirmou.

A Unica deverá terminar até o fim do mês os estudos sobre a oferta nacional para avaliar a possibilidade de aumento da mistura. Os dados servirão como base para definir para quanto os 20% atuais poderiam ser elevados. Em junho, a Petrobras Biocombustíveis preparou estudo em defesa do aumento da mistura para 25%. A proposta foi encaminhada pela Petrobras ao ministro de Minas e Energia, Edison Lobão, que ainda não respondeu. Planejamento. Para o presidente da subsidiária, Miguel Rosseto, a elevação é possível porque o mercado produtor tem como suprir a oferta. “Sigo na expectativa do aumento para 25% e que a decisão seja tomada ainda este ano para que possa haver um planejamento dirigido a próxima safra”, declarou Rosseto.

Segundo Padua Rodrigues, seria possível decidir pelo aumento da mistura logo caso haja importação de etanol. “Os produtores estariam dispostos a assumir as importações, mas, se isso não for a vontade do governo, não dá”, completou o dirigente da Unica, que

nao ve problemas na importacao. “O Brasil importa gasolina, não importa? Qual a diferenca?”, perguntou.

Avaliacao apresentada na 24.^a reuniao ordinaria do Conselho Nacional de Policia Energetica (CNPE) e obtida pela *Agência Estado* no fim do mes passado já mostrava que a producao nacional de etanol nao daria conta do aumento da demanda por combustiveis projetada para este ano, de 5,0%.

Segundo o documento, projecoes dos Ministerios de Minas e Energia e da Agricultura apontam para oferta total de 25,5 bilhoes de litros de etanol combustivel na safra – demaio a abril do proximo ano – e um consumo de 23,75 bilhoes de litros. A avaliacao leva em conta exportacoes e a necessidade de importar 1,5 bilhao de litros de etanol anidro, misturado a gasolina.

Reduzir a importacao de gasolina e o principal alivio que o aumento na mistura de etanol no combustivel nas bombas geraria para a Petrobras, segundo Luiz Otavio Broad, analista da corretora Agora.

Governo propõe zerar tributos do etanol. Natuza Nery e Lucas Vettorazzo. Folha de São Paulo, Mercado. 10/07/2012

Planalto vai tomar medidas para estimular a produção de álcool anidro, a fim de elevar o teor de mistura à gasolina. Ressarcimento de produtores está em estudo; ideia é reduzir custos e desafogar as contas da Petrobras

O governo Dilma tomará um conjunto de medidas para estimular a produção de etanol no país e, assim, ajudar a Petrobras a tentar resolver seu problema de caixa.

Além da decisão de elevar para 25% o teor de álcool misturado à gasolina, o Executivo estuda ainda ressarcir os produtores por tributos pagos e até zerar algumas cobranças, como de PIS/Cofins.

Segundo a **Folha** apurou, a Casa Civil busca soluções para catalisar a produção nacional. Por trás dessa preocupação está a Petrobras.

A companhia estatal está com suas contas sufocadas porque precisa comprar gasolina no exterior (mais cara) para dar conta do mercado doméstico, mas não pode repassar a conta para o consumidor porque o Palácio do Planalto não deixa.

Por isso, o aumento da mistura do álcool à gasolina é providencial para a Petrobras, pois passaria a adquirir menos combustível lá fora -o Brasil exporta petróleo bruto e importa derivados.

Autoridades do Executivo disseram à Folha que a presidente Dilma Rousseff já autorizou o aumento da mistura, mas somente se houver aumento da produção brasileira de álcool.

Foi o ministro Edison Lobão (Minas e Energia) quem vocalizou essa condição. "Estamos mantendo os 20%, mas a qualquer momento poderemos voltar aos 25%. Se a

produção de etanol continuar no patamar em que se encontra hoje, e em que estava no ano passado, vamos mantê-la em 20%", disse Lobão, ontem.

O presidente da Unica (União da Indústria de Cana-de-Açúcar), Antônio de Pádua Rodrigues, terá hoje uma reunião na ANP (Agência Nacional do Petróleo) para discutir o aumento na produção de álcool anidro em prejuízo, por exemplo, da produção de açúcar e álcool hidratado.

O álcool anidro é aquele misturado à gasolina, enquanto o hidratado vai direto no tanque de combustível.

"A safra está dada [a previsão de moagem de cana é de 509 toneladas, 2012-2013] e a indústria está pronta para atender o pedido do governo. Será o governo quem vai nos dizer se quer mais anidro em detrimento do hidratado ou do açúcar", afirmou o representante da Unica.

CRÉDITO À CANA

Sobre as outras ações para o setor, a Folha apurou que o Executivo prepara uma medida provisória para dar crédito presumido à produção de cana-de-açúcar usada para fazer etanol -hoje só há ressarcimento de contribuições pagas ao produtor que produz açúcar. A discussão agora é sobre se há espaço fiscal para tanto.

O Ministério da Fazenda é contra a proposta de zerar PIS/Cofins do etanol, mas a Casa Civil, segundo interlocutores do Palácio do Planalto, é favorável.

A operação para ajudar o caixa da Petrobras está mobilizando toda a Esplanada desde que a presidente da empresa, Graça Foster, atacou problemas nas gestões passadas. Além de citar planejamentos fora da realidade, a executiva defendeu redução expressiva nos custos, inclusive os de importação.

Aumento da mistura do álcool para 25% ajuda Petrobras e é bom para as usinas. Mauro Zafalon. Folha de São Paulo, Mercado. 10/07/2012

A Petrobras tem bons motivos para pedir ao governo a volta da mistura do álcool anidro para 25%. A safra sucroalcooleira deste ano não terá grandes mudanças em relação à anterior. Isso significa que a importação de gasolina, que vem aumentando, vai continuar aquecida.

Distante do mercado externo nos últimos anos, o país não tem uma logística apropriada para a compra de um volume grande de gasolina. Falta estrutura de armazenagem nos portos, e a logística de distribuição para o interior do país é complicada.

O maior uso de álcool na grade de consumo do brasileiro traria menos prejuízo à Petrobras e diminuiria os investimentos das distribuidoras, que têm de levar esse combustível para todo o país.

Mesmo com a alta de preço liberada para a gasolina, a empresa teria prejuízos crescentes com essa evolução das importações, principalmente devido à alta do dólar.

O cenário de safra deste ano pouco muda sobre o de 2011. Mas o abastecimento, como ocorreu em 2011, deve ser assegurado.

Um aumento da mistura de álcool anidro dos atuais 20% para os 25% aliviaria o caixa da Petrobras -que teria de importar menos-, mas forçaria as distribuidoras a buscarem álcool de milho nos Estados Unidos para complementar o abastecimento.

O tempo dessa proposta da estatal, no entanto, não é o mais apropriado. O início de safra com o percentual de mistura definido em 20% fez muita empresa transformar o álcool anidro que tinha em estoque em hidratado.

O álcool anidro é o misturado à gasolina, enquanto o hidratado é o que vai diretamente ao tanque. Ou seja, a importação de álcool anidro poderá ser ainda maior.

A elevação da mistura é boa para as usinas, que podem ter uma demanda maior de anidro, produto que praticamente tem o preço garantido e rende mais.

Ainda seria uma saída para o setor porque o açúcar, o grande competidor do etanol nas safras anteriores, está com queda de preço. Queda nos preços externos do açúcar leva as usinas a produzirem mais álcool, desde que o preço fique competitivo.

Lobão confirma que governo estuda aumentar parcela do álcool na gasolina. Vivian Oswald – O Globo. 10/07/2012

Ministro, porém, diz que se produção não crescer percentual não subirá para 25%

O ministro de Minas e Energia, Edison Lobão, confirmou ontem que o governo estuda aumentar o percentual de álcool anidro na gasolina de 20% para 25%. A informação havia sido antecipada pelo GLOBO na semana passada como parte de um conjunto de medidas que estão sendo avaliadas para revitalizar o setor de etanol. Lobão participou de evento em Niterói, para entrega do navio Sérgio Buarque de Holanda à Transpetro. O navio é o terceiro de uma encomenda de 47 embarcações.

O ministro explicou que a mudança na gasolina poderá ser feita tão logo a produção do etanol cresça e justifique esse aumento. Neste momento, segundo ele, se a produção do etanol continuar no atual patamar, os 20% serão mantidos. Fontes do governo, no entanto, explicaram que a medida já poderia ser adotada a partir do início do ano que vem, tendo em vista que a safra que está sendo colhida deve ser maior do que a de 2011.

Setor pode ter que importar, diz especialista

Dados do setor indicam que haverá um aumento de 4,5% este ano em comparação com 2011. A recuperação, que já pode ser atribuída à expansão da área plantada, não é maior em função da seca registrada logo após o carnaval. A produção prevista de etanol em 2012 é de 21,5 bilhões de litros. O consumo está estimado no mercado interno em 1,7 bilhão a menos que isso.

- Isso é só uma estimativa. Se houver necessidade, o setor está preparado para importar - afirmou um especialista.

Hoje, para suprir o mercado de combustíveis, a Petrobras tem importado gasolina. Como os preços do mercado internacional estão mais altos do que no Brasil, a estatal do petróleo vem arcando com a diferença. No mês passado, o governo resolveu zerar a cobrança da Contribuição de Intervenção sobre Domínio Econômico (Cide) em 7% para reduzir os prejuízos da companhia. Mesmo assim, a disparidade entre os preços internacionais e o doméstico está estimada em cerca de 22%.

Reportagem do GLOBO apontou que, como medida emergencial, o governo aumentaria a mistura do anidro na composição da gasolina a 25%. Em outra frente, o Executivo quer desonerar o PIS e a Cofins da distribuição do etanol e ainda estuda linhas de crédito e juros mais baixos.

Além disso, quer transformar o etanol em commodity negociada no mercado internacional para garantir preços e mercado. Para tanto, tem memorandos de entendimento com 77 países e já financiou pesquisas de viabilidade em 12 nações (seis americanas e seis africanas).

Votação dos royalties fica para depois das eleições

Na bomba, o álcool tem perdido a disputa com os combustíveis fósseis. Desde janeiro do ano passado, sai mais barato para o brasileiro usar gasolina, de acordo o monitoramento da Agência Nacional do Petróleo (ANP). Com isso, a produção de etanol perde fôlego e o setor admite estar em crise. Por isso, o governo deve lançar, até setembro, um conjunto de medidas para estimular o segmento.

Fator determinante para a produção de petróleo no país nos próximos anos, o projeto que define a distribuição dos royalties do petróleo explorado na camada do pré-sal deve ficar para depois das eleições municipais. Técnicos do governo disseram que já não há mais tempo hábil para a votação do texto no Congresso, que está às vésperas do recesso parlamentar.

Deixar a apreciação do projeto para depois das eleições foi um pedido da presidente Dilma Rousseff repassado pelo ministro da Fazenda, Guido Mantega, aos líderes no parlamento. Especialistas ouvidos pelo GLOBO avaliam que a definição de como se dará a distribuição desses recursos aos estados e as novas regras para que isso aconteça influenciam as decisões de investimento do mercado.

Teor de etanol na gasolina pode subir para 25%, diz Lobão. Rodrigo Polito – Valor Econômico. 10/07/2012

O ministro de Minas e Energia, Edison Lobão, afirmou ontem que o governo pode elevar o teor de etanol na gasolina dos atuais 20% para 25%, caso a produção do insumo justifique o aumento. No fim do mês passado o ministério recebeu da Petrobras pedido formal para aumentar de 20% para 25% o teor de álcool anidro na gasolina.

"Essa participação era de 25%. Depois reduzimos para 20%, em razão da contingência do ano passado. Estamos mantendo 20% e a qualquer momento pode voltar a 25%. Estamos examinando a possibilidade de aumentar para 25% à medida que a produção justificar isso. Se continuar nas condições em que se encontra hoje e como estava no

ano passado será mantido em 20%. Se a produção melhorar, elevaremos a 25%, que é o nosso propósito", disse Lobão, que participou da cerimônia de entrega do navio Sergio Buarque de Hollanda à Transpetro, no Estaleiro Mauá, em Niterói.

O ministro também reafirmou, ontem, que o governo faz uma avaliação permanente das cotações internacionais do petróleo e do nível do câmbio para tomar decisões sobre os preços dos combustíveis.

Governo vai elevar para 25% o teor de álcool na gasolina. Sergio Torres – O Estado de São Paulo. 10/07/2012

Sem a presença de diretores da Petrobrás, embora todos estivessem convidados, a Transpetro recebeu ontem o navio tanque Sérgio Buarque de Holanda. O presidente da subsidiária, Sérgio Machado, que é cotado para deixar o cargo, buscou minimizar a ausência de Graça Foster, presidente da Petrobrás, e da diretoria da empresa. Alegou que todos recusaram o convite porque tinham agenda cheia.

Na cerimônia, o ministro de Minas e Energia, Edison Lobão, disse que a Petrobrás investirá US\$ 250 bilhões em cinco anos em embarcações e equipamentos navais. Afirmou também que “a qualquer momento” o governo aumentará de 20% para 25% o teor do álcool anidro misturado à gasolina.

A proposta de aumento foi apresentada a ele no mês passado pela Petrobrás. Será um modo, sustenta a empresa, de baixar a importação de gasolina, que de janeiro a abril, atingiu a média de 80 mil barris diários.

“Era 25%. Reduzimos para 20% em razão da contingência do ano passado. Estamos mantendo os 20%, mas a qualquer momento podemos voltar a 25%. Se a produção de etanol continuar nas condições de hoje, vamos mantê-la em 20%. Se a produção melhorar, elevaremos para 25%, que é o propósito”, disse.

Realizada no Estaleiro Mauá, em Niterói (RJ), a solenidade surpreendeu pela ausência de Graça e dos diretores da Petrobrás. O mais graduado representante da petroleira era o gerente executivo de logística, Eduardo Autran. A surpresa foi ainda maior ao ser anunciada a presença do engenheiro Paulo Roberto Costa, demitido do cargo de diretor de Abastecimento após a posse de Graça, em fevereiro.

“Paulo Roberto participou do programa, teve papel importante. Recentemente saiu da Petrobrás e não tinha porque não convidá-lo. (...) Claro que convidei todo mundo. Você acha que eu ia deixar de convidar? Convido todo mundo. (...) A agenda de um diretor da Petrobrás é muito intensa”, afirmou Machado.

O presidente da Transpetro não quis aprofundar-se sobre a possibilidade de vir a ser demitido, como vem sendo comentado.

“Estou trabalhando todo dia das 8h às 23h com muito empenho, muita dedicação, é assim a minha vida.”

O Sérgio Buarque de Holanda é o terceiro navio do Programa de Modernização da Frota (Promef) a entrar em operação e poderá carregar até 56 milhões de litros de combustíveis.

Licitações.

Lobão afirmou que a 11ª rodada de licitação de blocos exploratório da Agência Nacional de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP) permanece sem data prevista. As empresas esperavam que o leilão ocorresse ainda este ano.

O ministro acrescentou que a criação da empresa Petro-Sal depende da aprovação da nova lei dos royalties pelo Congresso. Enquanto não for aprovada a lei, a empresa não sai. Se criada, a Petro-Sal será responsável pela gestão de contratos de produção e comercialização de petróleo e gás na área do pré-sal, sob o novo modelo de partilha proposto.

O presidente da Transpetro aproveitou a cerimônia para afirmar que o Estaleiro Rio Tietê, em Araçatuba (SP), entrará em operação em agosto, com o corte do aço de sua primeira embarcação. O navio incorporado ontem à frota partiu do cais de Niterói para ser abastecido em terminal na Baía de Guanabara com uma carga de nafta, rumo a Salvador.

Governo incentiva o sorgo na rotação com a cana – Site do MAPA. 12/07/2012

O Plano Agrícola e Pecuário 2012/2013, divulgado no fim de junho pela presidenta Dilma Rousseff, abriu uma linha de financiamento para o desenvolvimento do setor canavieiro. A medida pretende incentivar o cultivo de até 100 mil hectares de sorgo sacarino a partir da safra 2012/2013 com a aplicação de R\$ 270 milhões.

O financiamento do plantio em áreas de renovação de canaviais, normalmente ocupadas com soja e amendoim, aponta o sorgo sacarino como opção de produção. Seu ciclo de cultivo e colheita compreende ao período de entressafra da cana, especialmente, na Região Centro-Sul. A previsão é de uma oferta adicional de 300 milhões de litros de biocombustível de sorgo para a próxima safra.

De acordo com a análise do secretário de Produção e Agroenergia, do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Gerardo Fontelles, “é estratégico para o País que outras fontes potenciais de geração de agroenergia sejam fortalecidas e estimuladas. Isto contribuirá para a diminuição da volatilidade de oferta e de preços, no período após colheita da cana-de-açúcar”.

O sorgo sacarino é uma variedade que possui taxas maiores de açúcar nos colmos e passou a ser testado como matéria-prima para a produção de etanol, em 2008, conforme os pesquisadores da Embrapa Milho e Sorgo. O caldo extraído dos colmos da planta se adapta ao processo industrial das usinas. As colheitadeiras utilizadas também são as mesmas, pois a altura do sorgo, em torno de 2 metros, é similar ao da cana. O sorgo pode ser semeado entre os meses de novembro e dezembro e de fevereiro a março, o que beneficia as usinas que ficam ociosas na entressafra.

Outra medida de apoio ao setor canavieiro, o Prorenova, implantada no início deste ano, conta com recursos de R\$ 4 bilhões para estimular à renovação e ampliação de cerca de um milhão de hectares.

Oleaginosas serão discutidas por especialistas no Espírito Santo – Site do MAPA. 13/07/2012

Evento busca alternativas de matérias-primas para fabricação de óleos destinados à alimentação humana e uso energético

A conjuntura da produção de oleaginosas no Brasil será apresentada por João Abreu, do Departamento de Cana-de-açúcar e Agroenergia, do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) no próximo dia 18 de julho (quarta-feira) durante a realização do V Congresso Brasileiro de Mamona (V CBM) e II Simpósio Internacional de Oleaginosas Energéticas (II SIOE), em Guarapari (ES).

O Congresso, que ocorre entre os dias 16 a 19 de julho, pretende incentivar o desenvolvimento do agronegócio de oleaginosas (mamona, amendoim, cártamo, gergelim, girassol, canola, dendê e pinhão manso) com potencial para produção de óleo destinado à alimentação humana, energia e outros fins da indústria química e farmacêutica. Na ocasião acontece também o I Fórum Capixaba de Pinhão Manso (I FCPM).

O evento, que tem o apoio do Mapa e do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), é organizado pela Embrapa Algodão e Embrapa Agroenergia. De acordo com a organização, o encontro contará com a participação de palestrantes internacionais, além de especialistas e de representantes de instituições públicas e privadas ligadas ao tema.

Confira a programação dos encontros no www.cbmamona.com.br

Linha do BNDES para usineiros não decola. Renée Pereira - O Estado de São Paulo. 13/07/2012

Dos R\$ 4 bi reservados para o Prorenova, só R\$ 1,4 bi estava em carteira; nenhum centavo foi liberado

Lançado no início de janeiro para ampliar a oferta de etanol no Brasil, o Prorenova, do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), ainda não decolou. Até 30 de junho, nenhum centavo havia sido liberado para os usineiros. Dos R\$ 4 bilhões reservados para plantio e renovação dos canaviais, só R\$ 1,4 bilhão estava em carteira, afirma o chefe do Departamento de Biocombustíveis do banco, Carlos Eduardo Cavalcanti.

Desse total, R\$ 250 milhões haviam sido aprovados; R\$ 200 milhões estavam em análise; R\$ 150 milhões enquadrados; e R\$ 800 milhões em carta-consulta. Cavalcanti reconhece que os números estão aquém das expectativas iniciais, mas destaca que a partir de maio as operações subiram de forma significativa. "Até então a carteira tinha apenas R\$ 500 milhões em pedidos."

Em janeiro, quando o BNDES lançou o programa, esperava-se que o dinheiro fosse suficiente para ampliar em 1 milhão de hectares a área plantada de cana-de-açúcar e, conseqüentemente, elevar a produção de etanol. Mas as dificuldades do setor travaram as negociações entre os bancos e as empresas. O dinheiro do BNDES é repassado pelos bancos comerciais, que cobram um prêmio a mais para conceder o financiamento.

Segundo Cavalcanti, com o setor altamente endividado e a deterioração do cenário internacional, as instituições financeiras ficaram mais cautelosas na análise de risco de crédito. As negociações entre empresas e bancos em torno dos spreads ficaram travadas e demoraram mais para serem concluídas, completa o executivo. A taxa de juros do Prorenewa é de 8,3% ao ano.

O presidente interino da União da Indústria da Cana-de-açúcar (Unica), Antônio de Pádua Rodrigues, observa que uma somatória de fatores dificultou o acesso das empresas ao programa de financiamento. Um deles foi a indefinição em torno das regras para compra de terra por estrangeiro. Parte das empresas do setor tem capital internacional e não tem conseguido financiamento estatal, afirmou um executivo do setor bancário.

Além disso, o BNDES exige uma série de requisitos ambientais que as empresas precisam cumprir para obter financiamento. Nesse caso, o banco flexibilizou alguns pontos para facilitar o empréstimo, afirmou Pádua. Ele observa ainda que as empresas têm achado o custo da linha de crédito do banco bastante elevado. Diante da queda da taxa Selic, agora em 8% ao ano, alguns empresários estão preferindo outras modalidades de crédito, cujas exigências são menores.

Dívida. Pádua acrescenta ainda que cerca de 30% do setor não tem condições de obter um financiamento bancário por causa dos níveis de endividamento. Estudo feito no primeiro trimestre pelo Itaú BBA mostra que o setor tem cerca de R\$ 42 bilhões em dívidas. Quase um terço das empresas tem dificuldade para fazer novos investimentos.

Outras 17% estão alavancadas e precisam de alguma operação estratégica - ou seja, injeção de dinheiro - para continuar funcionando. Nessas empresas, a dívida por tonelada de cana moída é superior a R\$ 100. Entre as cinco piores, esse número chega a R\$ 144,6. Na prática, isso significaria dizer que, para cada R\$ 100 de faturamento, a empresa tem R\$ 144 de empréstimos e financiamentos.

A rosa e a cana. Miriam Leitão – O Globo. 14/07/2012

Rosa da Silva, de 36 anos, é cortadora de cana. Ela mora em Barra Bonita, interior de São Paulo. Sua rotina é assim: acorda às 4h, faz o almoço para deixar para o marido e a filha e separa as refeições que fará no serviço. Às 5h30m, está no ônibus para ir ao trabalho, onde chega às 7h30m. No dia em que conversou com a coluna, tinha cortado 70 metros, o que é pouco. No dia anterior, cortara 352, o que considerou "mais do que bom".

Rosa é a ponta de uma cadeia produtiva que chega ao posto de combustível. Um setor em crise. O governo prepara um pacote setorial. Periga ser mais um remendo. Rosa não aceitaria ser chamada de "boia-fria". Seria ofensivo. Ao percorrer sua rotina, nota-se que

a diferença não é só do nome. Ela não é contratada por um "gato", é funcionária da Raízen, empresa resultante da fusão da Shell com a Cosan. É transportada por uma empresa contratada pelo empregador. Ao chegar ao canavial, antes de começar o trabalho, faz exercícios que aprendeu com um fisioterapeuta. Trabalha cerca de uma hora, dá um tempo para fazer a primeira refeição e depois continua no batente. Encerra o expediente às 15h30m.

O setor cria hoje menos emprego do que antes; mas de mais qualidade. Poderia ser melhor. Ainda recebe pelo volume de cana que consegue cortar. Ao fim do dia, o medidor registra. Recebeu no mês passado R\$ 820.

O salário melhorou, o tratamento também. Mas continua sendo temporário: é dispensada ao fim da safra. Mora numa casa pequena, mas própria, de um conjunto habitacional. Tem em casa geladeira, tanquinho e, em breve, micro-ondas. Na refeição que leva para o campo há uma mistura balanceada: arroz, feijão, carne e salada.

O que todo mundo vê como avanço, para ela é um problema: hoje, há menos queima da cana. Isso reduz o material particulado no ar que os campos de cana emitem e que faz mal à saúde de todos os que o aspiram. Sem a queima, no entanto, seu trabalho é mais difícil, o que explica a diferença de produtividade. - A palha, sem tacar fogo, machuca muito a mão. Ontem (9 de julho, feriado da Revolução Constitucionalista), a cana estava queimada. Gosto do trabalho, mas é muito judiado. O salário tinha que ser melhor. Eles podem pagar de R\$ 0,14 a R\$ 0,18 o metro da cana cortada. Imagina quanto tenho que fazer para ganhar o dia.

Hoje, tô detonada, a mão está formigando, inchada, porque a cana era muito pesada. Tem que ser duro na queda para aguentar esse serviço. Eu já acostumei, adoro a roça, gosto de cortar cana, dos amigos que tenho, mas é desgastante. Acho o salário baixo pelo sacrifício que fazemos.

Rosa não acredita que esse tipo de trabalho vai desaparecer, até porque as colheitadeiras arrancam a cana pela raiz, e os trabalhadores têm que replantar.

- Há mais máquinas no canavial tomando o serviço, mas temos que melhorar o que elas fazem.

O marido de Rosa trabalha na prefeitura como ajudante de motorista; o filho mais velho, que já tem 22 anos e um filho, parou de estudar na antiga sétima série e é pintor. A filha de 12 anos continua estudando. As rendas dela e do marido, somadas, chegam a R\$ 2,3 mil.

- Com os dois salários, graças a Deus, não temos dívida. Só fazemos uma quando acabamos de pagar outra, mas já passamos muito aperto - conta.

Ela consegue poupar um pouco todo mês. Acaba de receber R\$ 400 extra, de participação nos resultados.

Guardou. Seu sonho: comprar um carro. Vermelho. Já está tomando aulas de direção. Quando Rosa, a cortadora de cana, comprar um carro enfrentará o mesmo dilema de

todos os motoristas: que combustível colocar no tanque? O que manterá sua indústria de pé ou a gasolina? O governo favorece a gasolina.

Se Rosa já tivesse carro, seria melhor abastecê-lo com álcool, porque em São Paulo está valendo a pena. Mas em vários estados, o álcool continua custando mais do que 70% do preço da gasolina e, por isso, não vale a pena.

Edison José Ustulin não conhece Rosa, mas é outra parte da mesma indústria. Ele fornece cana para a Raízen, além de ser presidente da Associação dos Fornecedores de cana de Barra Bonita. Tem uma longa lista de reclamações em que estão: custo alto da mão de obra, falta de trabalhador para algumas funções qualificadas, como motorista, custo "escorchante" de capital, condições climáticas mais adversas, alta tributação, baixa remuneração para seu produto, que está retardando a reforma dos canaviais.

Acha que se o governo quer, de fato, o álcool hidratado como parte da matriz energética brasileira, precisa manter políticas definidas por um prazo de 15 a 20 anos, porque o investimento na área agrícola precisa de dez anos para amortizar, na área industrial, até 20 anos.

- Não podemos ter uma visão imediatista. Não adianta propagar aos quatro cantos do mundo a bandeira do etanol e suas vantagens, se aqui é tratado como um combustível de segunda classe. Faltam políticas de longo prazo, financiamentos de longo prazo, redução da tributação em toda a cadeia produtiva. Há seis anos, o preço da gasolina não sobe, asfixiando o preço do etanol. O álcool naufragou, ou seja, não se consagrou por falta de políticas públicas fundamentadas nas suas próprias características.

Da conversa com Rosa e Edison já se conclui que o caso do etanol não será resolvido com mais um pacotinho.

Além do canavial. Miriam Leitão – O Globo. 15/07/2012

O Brasil percorreu um longo caminho com o etanol. Nele, todos pagaram um preço enorme. Os cortadores de cana foram tratados como quase escravos, contraíram doenças. Hoje, ainda dão muito duro, mas já há modernização na relação de trabalho. O Tesouro gastou uma fábula subsidiando a indústria em suas várias etapas. O governo prepara agora um novo pacote para salvar o setor. Seria bom se corrigisse os erros recentes.

Na coluna de ontem, contei sobre Rosa, a cortadora de cana de Barra Bonita, funcionária com carteira assinada da Raízen. Ela é transportada de forma decente, tem casa própria e sonha ter um carro vermelho. Mas Rosa ainda ganha por volume de cana e seu contrato é temporário. Falei também de Ustulin, empresário, fornecedor de cana para a Raízen e líder dos fornecedores.

Entre 30% e 40% das usinas usam cana-de-açúcar dos que se especializaram nessa parte da cadeia produtiva, os fornecedores. Um dos problemas é que os canaviais estão velhos e precisam ser renovados, mas é difícil fazer um investimento tão pesado sem saber qual é o futuro do setor. O pacote do governo, dificilmente, terá a visão estratégica que é requerida por todos. O governo está prisioneiro da armadilha que ele mesmo criou ao

adiar por vários anos a elevação do preço da gasolina. Com isso, criou uma política de perde-perde. O setor do etanol se desorganiza e não investe; a Petrobras tem que aumentar a importação da gasolina, pagando mais pelo litro do combustível do que pode cobrar das distribuidoras.

Na quinta-feira, a empresa anunciou que aumentou o preço do diesel e que vai transferir o reajuste para o consumidor. Detalhe: diesel é o combustível do transporte coletivo e do de carga. Gasolina é do automóvel particular. Mas só o diesel vai aumentar. Isso depois de o governo ter reduzido a zero a Cide da gasolina e do diesel, que emitem gases de efeito estufa, abrindo mão de R\$ 450 milhões por mês de receita. Antonio de Padua Rodrigues, diretor e presidente interino da Unica, União da Indústria de Cana-de-Açúcar, disse que uma das razões da perda de competitividade do setor é a política do governo em relação aos combustíveis. Houve também uma crise de endividamento no setor. Ele estava começando um ciclo de investimento, quando veio a crise de 2008 e encareceu o crédito externo.

O setor perdeu 5% da sua capacidade instalada nos últimos anos, ou 32 milhões de toneladas de cana. Padua contou que de 2007 para cá só na região Centro-Sul 46 empresas paralisaram o processo de moagem da cana, sendo 30 em 2011 e 2012. A maior parte não voltará a produzir. Há 37 empresas que entraram em processo de recuperação judicial - algumas continuam produzindo cana - ou decretaram falência.

Hoje, o setor vive uma situação estranha, porque está minguando e não consegue sequer atender à demanda, tanto que a Petrobras teve que importar etanol dos Estados Unidos. Além de criar perspectiva de demanda, resolvendo as distorções no mercado de combustível, o governo terá que fornecer muito crédito para um setor que já anda descapitalizado.

Quando se pergunta quanto o setor necessita de investimentos, Padua fala numa quantia gigantesca: R\$ 156 bilhões até 2020. E calcula: levando-se em conta uma expansão de 300 milhões de toneladas, seriam US\$ 37,8 bilhões, aproximadamente R\$ 76 bilhões, "para atender 50% da matriz de combustíveis, se definirmos que será metade etanol, metade gasolina".

- Estamos falando em algo próximo de R\$ 1 bilhão em uma usina de 3 milhões de toneladas. Se falamos em mais de 100 unidades produtoras, são mais de R\$ 100 bilhões em investimento só em novos projetos - diz.

Sobre o aumento de 20% para 25% da mistura do álcool à gasolina, ele disse que, neste caso, não se está discutindo o álcool como combustível, mas como aditivo. Lembra, no entanto, que para o meio ambiente é bom.

Adriano Pires, especialista em energia, afirma que a proposta de aumento do percentual, retornando aos 25%, não está sendo feita para ajudar o setor do etanol, mas a Petrobras. Com o aumento, a estatal deixará de importar 156 milhões de litros de gasolina A por mês, em média. Deixará de gastar US\$ 124 milhões por mês com importação de gasolina.

- O governo só pensa no caixa da Petrobras, não no etanol. Aumentou somente o diesel na bomba e perdeu a oportunidade de reajustar a gasolina - diz.

No mercado, comenta-se que não é apenas uma questão de reduzir o custo da Petrobras que, com uma mistura maior, terá que importar menos gasolina. O outro problema é que a capacidade logística da empresa de importar gasolina já está se esgotando. Em 2010, foram importados, em média, 9 mil barris de gasolina por dia. Em 2011, 17 mil (45 mil no segundo semestre) e, em 2012, até agora, 80 mil barris. Há um limite físico para descarregar gasolina, armazenar e transportar. Está batendo no teto. O setor do álcool combustível nasceu na procura de alternativa ao petróleo, durante as crises dos anos 1970.

Nos erros do setor e do governo, muitas empresas quebraram, a indústria quase desapareceu, o contribuinte viu seu dinheiro sendo usado para resgatar usinas. Muitas empresas quebraram e os empresários permaneceram ricos. Agora, o setor renasceu por motivos ambientais. E é ameaçado pelas trapalhadas em que o governo se meteu nas contradições de sua política de combustíveis.

Criação de cooperativa de plantadores de cana está em andamento – Site do MAPA. 16/07/2012

Comissão dá continuidade ao trabalho para resolver dificuldades financeiras de pequenos e médios produtores de cana no Nordeste

O Grupo de Trabalho (GT) criado para desenvolver um modelo de cooperativa, que permitirá aos produtores independentes de cana-de-açúcar do Nordeste comercializar sua produção, terá mais uma reunião programada para o fim deste mês, em Brasília. O encontro pretende dar continuidade às atividades de concepção de uma cooperativa de produtores de cana-de-açúcar, seu estatuto e medidas legais e financeiras que viabilizem o projeto.

O GT foi constituído no final de junho para solucionar a situação dos pequenos e médios produtores de cana em dificuldades econômicas em decorrência do fechamento de algumas indústrias ou falta de pagamento da matéria-prima entregue nas usinas da região.

Participam da comissão coordenada pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, a Organização das Cooperativas Brasileiras, a Federação dos Plantadores de Cana do Brasil (Feplana), União Nordestina de Plantadores de Cana (Unida), Sindicato dos Cultivadores de Cana no Estado de Pernambuco (Sindicape) e a Associação dos Plantadores de Cana do Estado de Alagoas (Asplana), com apoio do Banco do Brasil e Banco do Nordeste do Brasil.

Mais etanol na gasolina pode dar fôlego à Petrobrás. Renée Pereira – O Estado de São Paulo. 16/07/2012

Medida permitiria redução de 41% na importação de gasolina, mas o País seria obrigado a comprar etanol no exterior

A proposta de aumento da mistura de etanol na gasolina, de 20% para 25%, não vai tirar o setor sucroalcooleiro do sufoco, mas dará novo fôlego ao caixa da Petrobrás. Por mês,

a medida pode representar cerca de US\$ 120 milhões a mais nos cofres da estatal, que reduzirá em 41% o volume de importação de gasolina. No ano, a economia chegará a US\$ 1,5 bilhão, segundo cálculos do Centro Brasileiro de Infraestrutura (CBIE).

Por outro lado, o Brasil será obrigado a comprar etanol no exterior para atender a demanda interna. Com a crise internacional que abalou o setor sucroalcooleiro desde 2008, a produção de cana de açúcar encolheu nos últimos anos enquanto o consumo de combustível no País continuou em ritmo acelerado - de 2009 a 2011, o aumento foi de 40%.

Diante do risco de desabastecimento e escalada do preço do biocombustível, o governo federal decidiu, em setembro do ano passado, reduzir a mistura de etanol na gasolina de 25% para 20%. A decisão implicou aumento de importação de gasolina por parte da Petrobrás, cuja produção de petróleo também ficou estagnada nos últimos três anos.

Entre janeiro e abril, segundo o CBIE, a estatal importou em média 380 milhões de litros de gasolina por mês. "O problema é que a Petrobrás compra mais caro e vende mais barato", destaca o diretor do CBIE, Adriano Pires. Ele calcula que, até maio, a empresa já havia perdido R\$ 648 milhões com a importação de gasolina por causa do descasamento dos preços. Se a mistura de etanol já estivesse em 25%, o prejuízo seria um pouco menor: R\$ 400 milhões.

Na balança comercial, a medida deve ter efeito pequeno, mas positivo. Como o preço do etanol é menor, a diferença será de US\$ 14 milhões por mês. Basta saber se haverá oferta suficiente no exterior para atender a demanda do Brasil. Na indústria de açúcar e álcool, os produtores garantem que sim. De janeiro a junho, o País foi obrigado a importar uma média de 79 mil litros de etanol por mês. Agora, se confirmada a mudança, precisará de mais 157 mil litros por mês.

A União da Indústria da Cana de Açúcar (Unica) informou que ainda está calculado os volumes necessários. Mas não há dúvidas de que haverá necessidade de aumentar as importações. Até a segunda quinzena de junho, o volume de cana moída estava 28% menor do que na última safra; a produção de etanol anidro (usado na mistura da gasolina), havia caído 43%; e o hidratado, 32%.

Importações. "Viramos importador de todos os tipos de combustíveis: gasolina, diesel, querosene de aviação e também de etanol. O problema é que os volumes vão aumentar", diz Pires, da CBIE. Com poucos investimentos, a tendência é que o descasamento entre oferta e demanda se amplie. "No médio e longo prazo, a alternativa é criar políticas de investimentos para o etanol. No curto prazo, a saída é desestimular o consumo por meio de preço."

Outro problema levantado por especialistas é a falta de infraestrutura para receber o produto importado. "A capacidade logística para transporte de combustíveis está no limite, seja nos portos para receber o produto, ou na distribuição. Falta tancagem e dutos", destaca Paulo Fleury, do Instituto de Logística e Supply Chain (Ilos).

Segundo estudo realizado pela instituição, a densidade dutoviária (km de dutos comparados a extensão territorial) do Brasil é 24 vezes menor que a dos Estados Unidos. "A logística está no talo. E a solução para esse problema não é de curto prazo",

completa o ex-presidente da União da Indústria da Cana de Açúcar (Unica), Eduardo Pereira de Carvalho, da Consultoria Expressão.

Mistura de álcool na gasolina não aumentará este ano, diz Lobão. Anne Warth e Eduardo Cucolo. O Estado de São Paulo. 19/07/2012

Aumento no percentual de etanol só poderá ocorrer se houver garantia de fornecimento do combustível.

O aumento no percentual de etanol na gasolina dificilmente sairá neste ano, de acordo com o ministro de Minas e Energia, Edison Lobão. A mudança na mistura do combustível vendido nos postos é uma reivindicação da Petrobrás, com objetivo de reduzir a importação de gasolina, que tem afetado os resultados financeiros da companhia.

Segundo o ministro, a mudança na composição do combustível só pode ocorrer se houver garantia de que os produtores de etanol têm condições de abastecer o mercado. "Tudo indica que a produção de etanol neste ano será parecida com a de 2011, que foi insuficiente", afirmou o ministro.

"Dificilmente o percentual de etanol na gasolina aumentará neste ano, mas estamos examinando. Nós só podemos fazer o aumento de 20% para 25%, ou 23%, ou 22%, tendo a garantia da existência de etanol, o que não há hoje em dia."

Reajuste. Além de pedir o aumento do percentual de etanol na mistura da gasolina, a Petrobrás reivindica novo reajuste dos combustíveis para compensar a elevação dos preços internacionais e reduzir suas perdas financeiras nessa área.

Em junho, o governo permitiu um reajuste de 7,83%, que foi compensado com a redução do imposto sobre combustíveis, a Cide, que agora chegou a zero. Qualquer reajuste adicional terá impacto nos preços ao consumidor e, conseqüentemente, na inflação. Por essa razão, segundo Lobão, os ministérios de Minas e Energia e da Fazenda avaliam quando esse reajuste adicional poderá ser aplicado.

"A Petrobrás continua insistindo na necessidade de aumentar o preço da gasolina", afirmou o ministro. "Vai ter. Quando, não sabemos", disse.

Lobão reconheceu que os preços praticados pela companhia estão defasados, pois não são alterados há muitos anos.

Energia. Lobão afirmou também que a renovação das concessões na área de energia elétrica deve gerar uma redução de mais de 10% nas tarifas aos consumidores.

Os cálculos da Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel), que já foram divulgados, mas ainda não estão definidos, indicam uma redução de 3% a 12%. "A Aneel está fazendo os cálculos, mas nós imaginamos que pode chegar a mais de 10%", afirmou Lobão.

Segundo o ministro, o modelo que será definido pelo governo vai privilegiar a modicidade tarifária e embutir também uma redução nos encargos setoriais. Lobão disse que ainda não há um número fechado para essa redução. "Estamos examinando, e achamos que pode se ter uma redução considerável."

O ministro disse ainda que as concessões de geradoras, transmissoras e distribuidoras que vencem a partir de 2015 estão sendo analisadas caso a caso. O modelo de renovação das concessões está praticamente definido, segundo Lobão, e será enviado ao Congresso na forma de Projeto de Lei ou Medida Provisória assim que estiver pronto. "A demora tem o objetivo de melhorar aquilo que estamos fazendo, e não há também tanta pressa."

Hidrovia tem menor custo para escoamento do etanol em Mato Grosso do Sul – Site da CNA. 20/07/2012

Mato Grosso do Sul obteve na safra 2011/12 1,63 milhão de metros cúbicos de etanol. Com 425,8 mil metros cúbicos, o anidro foi o produto que mais cresceu no Estado, com aumento de 18% em relação à safra passada que resultou em 360 mil metros cúbicos. O principal destino do etanol de MS foram os Estados Unidos que adquiriram 99,4% do total produzido. O escoamento do etanol por hidrovia chega a representar a metade dos custos em relação ao transporte do produto por ferrovia e o sistema de transporte rodoviário triplica os recursos utilizados em relação ao hidroviário.

O transporte rodoviário representa um custo de R\$ 120 reais de frete para cada tonelada em distância de mil quilômetros. Já o custo por hidrovia tem custo de R\$ 40 reais. Em relação ao consumo de combustível, o transporte rodoviário tem uso de 15 litros para cada tonelada/mil quilômetros, enquanto o ferroviário utiliza 6 litros e o hidroviário usa somente 4 litros. "Temos o benefício econômico e menor gasto energético. Além disso, o sistema de escoamento do etanol por dutos e hidrovias vai diminuir os gargalos do transporte terrestre", disse o gerente de Desenvolvimento de Negócios da Transpetro, Fabiano Tolfo, durante o Seminário de Logística, Infraestrutura e Agronegócio, em Campo Grande (MS).

Tolfo apresentou o projeto que vai ligar terminais do interior de São Paulo ao terminal de Aparecida do Taboado, na região do Bolsão de MS. O transporte hidroviário também foi defendido pelo gerente de Desenvolvimento da Agência Nacional de Transportes Aquaviários (ANTAQ), José Renato Fialho, que falou da situação da hidrovia Tiete Paraná. A ANTAQ é a autarquia especial vinculada ao Ministério dos Transportes e a Secretaria de Portos que desempenha a função de entidade reguladora e fiscalizadora das atividades portuárias e de transporte aquaviário. "O que temos feito é propor regras para operação nas barragens para melhorar todo o sistema de transporte", diz Fialho.

Investimento em logística pode aumentar participação de MS no mercado externo

A construção da Ferrovia Ferroeste, ligando Mato Grosso do Sul ao Paraná, e a Ferrovia Pantanal, que sai da divisa de São Paulo até o município sul-mato-grossense de Porto Murtinho, estão entre os principais projetos de investimento em infraestrutura logística para Mato Grosso do Sul. A expectativa do governo do Estado é ampliar o escoamento da produção e a participação de MS no mercado externo. As principais obras de investimento foram apresentadas hoje (20), durante a palestra do governador André

Puccinelli, durante o Seminário de Logística, Infraestrutura e Agronegócio, que acontece em Campo Grande (MS).

“Mato Grosso do Sul depende de um sistema eficiente de transportes para continuar a crescer e ampliar sua participação no mercado externo. Dever nosso e dever do governo federal”, afirma Puccinelli. Para o presidente da Federação de Agricultura e Pecuária de MS - FAMASUL, Eduardo Riedel, o estado tem competência produtiva e localização privilegiada. “A robustez do desenvolvimento de setores como o sucroenergético, de papel e celulose, da agricultura e da pecuária, que conta com um parque industrial de referência, é consequência do engajamento do produtor rural e do comprometimento dos governos”, diz Riedel.

Sobre o Evento

O Seminário de Logística, promovido pela FAMASUL (MS), em parceria com o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural – Senar/MS e a Fundação Educacional para o Desenvolvimento Rural – Funar/MS, reuniu políticos, produtores e empresários, no auditório da Casa Rural, à rua Marcino dos Santos, 401, em Campo Grande, Mato Grosso do Sul.

BNDES e Finep têm R\$ 3 bi para novos projetos – Valor Econômico. 24/07/2012

O Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) e a Financiadora de Estudos e Projetos (Finep) vão oferecer R\$ 3 bilhões, nos próximos quatro anos, para apoiar o desenvolvimento de projetos do etanol de segunda geração e projetos que visem o desenvolvimento, a produção e a comercialização de novas tecnologias industriais destinadas ao processamento da biomassa proveniente da cana-de-açúcar. A ação será implementada de forma conjunta através do Plano de Apoio à Inovação Tecnológica Industrial dos Setores Sucroenergético e Sucroquímico (PAISS), que agrupa três linhas temáticas: bioetanol de segunda geração, novos produtos de cana-de-açúcar e gaseificação (tecnologias, equipamentos, processos e catalisadores).

"O objetivo é apoiar projetos que tenham como alvo, basicamente, o mercado brasileiro e sul-americano", informa Laércio de Siqueira, analista de projetos na área de energia da Finep. Segundo eles, vários planos de negócios, inclusive de empresas multinacionais que adquiriram empresas brasileiras de açúcar e álcool, estão sendo examinados por BNDES e Finep para concessão do crédito subsidiado.

Pelo menos um projeto já foi aprovado - o da GraalBio, que deverá receber empréstimo de R\$ 170 milhões para a primeira fase do projeto, que contempla a construção da primeira planta de etanol celulósico no Brasil.

A Raízen, outra grande empresa que atua no mercado de açúcar, etanol e bioenergia, já tem aprovado um projeto de menor dimensão junto à Finep, mas, segundo João Alberto Abreu, diretor de bioenergia, a companhia discute outras oportunidades na área de produção de biocombustíveis de segunda geração.

De acordo com os técnicos do governo, a preocupação é que o Brasil não se distancie de outros competidores na corrida tecnológica pelos biocombustíveis de segunda geração.

A indústria brasileira é considerada muito competitiva, especialmente por causa de preços finais mais baixos permitidos pelo menor custo de produção, mas tem problemas de gestão empresarial no setor e corre risco de não manter a liderança no mercado futuro de biocombustíveis, em especial no setor do etanol celulósico, por falta de investimentos.

As áreas técnicas de BNDES e Finep têm se dedicado a analisar o posicionamento do Brasil no desenvolvimento das novas tecnologias de conversão de biomassa. Em função desse cenário e para atingir os objetivos propostos, o novo programa PAISS buscará apoiar empresas que invistam nas três linhas temáticas - o bioetanol de segunda geração; novos produtos de cana-de-açúcar, incluindo o desenvolvimento a partir da biomassa da cana por meio de processos biotecnológicos; e gaseificação, com ênfase em tecnologias, equipamentos, processos e catalisadores.

O acordo entre BNDES e Finep para a criação do PAISS também visa estimular a obtenção de produtos de maior valor agregado, que podem ser obtidos a partir da biomassa da cana, como, por exemplo, os combustíveis de maior conteúdo energético (diesel, gasolina, querosene de aviação) ou mesmo intermediários químicos com aplicações industriais diversas.

O Brasil tem vantagens competitivas em função da maior disponibilidade de biomassa a baixo custo. Tal fato, aliado a um apoio mais eficiente para o desenvolvimento das novas técnicas de conversão, poderá levar o país a ser o pioneiro na produção de etanol celulósico e outros biocombustíveis avançados.

Finep e BNDES dispõem de linhas de financiamento atrativas, diz Siqueira. Poderão participar do PAISS empresas cujo objetivo social compreenda a realização de pesquisa, desenvolvimento tecnológico e inovação relacionadas às tecnologias incluídas no plano. As propostas devem estar vinculadas aos planos de negócios das empresas, prevendo a efetiva introdução das tecnologias e dos respectivos produtos no mercado. Os valores foram estipuladas em R\$ 1,348 bilhão (Finep) e R\$ 1,762 bilhão (BNDES).

Produção de álcool já caiu 25,5% neste ano, até maio . Daniela Amorim – O Estado de São Paulo, Economia. 26/07/2012

Problemas climáticos atrasaram a moagem, mas também houve redução da área plantada

A produção nacional de álcool recuou 25,5% de janeiro a maio deste ano, na comparação com o mesmo período do ano passado, segundo cálculos do economista Silvio Sales, do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (Ibre/FGV), feitos a pedido da 'Agência Estado'.

Problemas climáticos prejudicaram a produtividade da cultura de cana este ano e atrasaram a moagem, mas também houve redução na área plantada, o que deve afetar ainda a safra de 2013. As perdas foram calculadas com base nos dados da Pesquisa Industrial Mensal, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). "Na produção industrial, o que está puxando o setor de refino são os derivados de petróleo, não o álcool. A produção de álcool está caindo muito", notou Sales.

A concorrência com os preços do açúcar e a falta de investimentos no setor também estão prejudicando a produção. Como consequência, torna-se menos viável uma decisão do governo em prol do aumento do percentual de etanol na gasolina, de 20% para 25%, ainda este ano, conforme cogitou o ministro de Minas e Energia, Edison Lobão, em evento no Rio, no dia 10.

Segundo Lobão, a proposta de aumentar o teor do álcool anidro na gasolina foi apresentada pela Petrobrás, na tentativa de reduzir a importação de gasolina. Porém, o ministro reconheceu, dez dias depois, que a oferta de etanol no País ainda é insuficiente para aumentar a mistura. "De onde vão tirar esse álcool?", questionou o engenheiro de produção Cristiano Guimarães, consultor da indústria sucroalcooleira.

Guimarães apontou como problema a margem de lucro apertada do setor sucroalcooleiro, o que deixa os empresários desestimulados a investir ante um cenário de incertezas e dos altos juros nas linhas de crédito. "A lavoura de cana é intensiva em investimentos. Mas a linha de crédito do BNDES para incentivar o setor não adianta nada. O produtor tem margem de lucro de 10%, enquanto a linha de crédito do BNDES cobra juros de 8%. O produtor só pega financiamento se for maluco."

O pesquisador Mauro Andreazzi, gerente da Coordenação de Agropecuária do IBGE, confirma que a crise no crédito vem atrapalhando o ritmo de crescimento da produção de cana desde 2008. Os planos de novas usinas não teriam saído do papel por falta de recursos disponíveis. Também houve perdas pela falta de renovação no plantio. "A cana dá vários cortes, mas, se não houver investimento na lavoura, o rendimento vai caindo", contou Andreazzi.

O IBGE calcula que a área plantada este ano é 10% menor do que em 2011. "Então a gente pode concluir que a produção também vai cair no ano que vem, porque se plantou menos", alertou o gerente do IBGE.

O Levantamento Sistemático da Produção Agrícola do IBGE estima produção de 662.014.177 toneladas de cana-de-açúcar em 2012, uma redução de 7,4% em relação a 2011. A estiagem no início do ano em São Paulo, maior região produtora, retardou o desenvolvimento da planta. As chuvas só chegaram na hora da colheita, o que também atrasou a moagem e prejudicou o conteúdo de açúcar.

A produção de açúcar vinha ganhando do etanol pela valorização do produto no mercado internacional. No entanto, os problemas climáticos que deixaram a cana com menor teor de açúcar este ano podem até favorecer a produção do biocombustível

Sem etanol e com consumo em alta, importação de gasolina cresce 315%. Renée Pereira – O Estado de São Paulo, Economia. 30/07/2012

Para evitar um colapso no mercado doméstico, Brasil é obrigado a fazer compra recorde de combustível no exterior por US\$ 1,4 bilhão

O Brasil está batendo recordes na importação de combustível. Sem etanol suficiente, produção de gasolina estagnada e consumo em alta, o País foi obrigado a elevar as compras externas para evitar um colapso no mercado doméstico. Só neste ano (até

maio), o volume de gasolina importada cresceu 315%, segundo dados da Agência Nacional de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP).

As operações custaram cerca de US\$ 1,4 bilhão. O valor representa 83% dos gastos realizados em todo o ano de 2011, quando as importações já haviam crescido 332%. Por enquanto, não há expectativa de mudança no cenário. Pelo contrário. O ritmo de importação deve continuar em alta, pelo menos, até o ano que vem. Depois, o crescimento deve se acomodar. A previsão de especialistas é de que as importações se estabilizem num nível elevado.

A solução do problema, porém, deve demorar a chegar, e depende de uma série de fatores, como a entrada em operação das refinarias da Petrobrás e a definição sobre o papel do etanol na matriz energética brasileira. A crise da indústria de cana-de-açúcar, iniciada em 2008 com a quebra do Lehman Brothers, explica uma parte do aumento das importações, destaca o professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Edmar de Almeida.

De lá pra cá, muitas usinas fecharam as portas por causa do elevado endividamento. Quem continuou no mercado pisou no freio e reduziu os investimentos, especialmente na renovação dos canaviais. Resultado: a produtividade caiu e o volume de etanol desabou. Na safra 2011/2012, a produção do biocombustível recuou 17%, algo em torno de 5 bilhões de litros.

Mercado. O setor, que passou os últimos anos trabalhando para liderar a exportação de etanol no mundo, teve de importar 1,45 bilhão de litros de etanol para atender o mercado. "Os estudos da ANP e da Petrobrás previam um aumento na produção de etanol que não se realizou. Isso desmontou o planejamento para a oferta de combustíveis", explicou Almeida.

Enquanto isso, o consumo de combustíveis não parou de crescer, especialmente porque o governo deu subsídio para a compra do carro zero - de janeiro a junho deste ano, 1,6 milhão de carros novos entraram no mercado. Com o etanol menos competitivo por causa da crise do setor, os motoristas migraram para a gasolina, observa o diretor do Centro Brasileiro de Infraestrutura (CBIE), Adriano Pires. No ano passado, o consumo do combustível subiu em média 19% em relação a 2010 e o etanol hidratado caiu 28%. Neste ano, o uso da gasolina já subiu 11% e o do álcool recuou 14%.

Pires destaca que o consumo de outros combustíveis também cresceu e exigiu volume maior de importação. O consumo de diesel subiu 37% este ano por causa do agronegócio - que sustenta a balança comercial brasileira - e pela expansão da construção civil. Com o aumento de passageiros viajando de avião, o uso da querosene de aviação avançou 17,5%. "Estamos importando cada vez mais todos os tipos de combustível", critica o diretor do CBIE.

Brasil era exportador, passou a importador. Renée Pereira, Sabrina Valle, Sergio Torres - O Estado de S.Paulo, Economia. 30/07/2012

Especialista afirma que novas refinarias foram projetadas para produzir mais diesel que gasolina

De fornecedor de gasolina e etanol para o mercado externo, o Brasil virou cliente. "Continuaremos nessa posição pelos próximos 3 ou 4 anos, quando as novas refinarias entram em operação", diz o diretor do Centro Brasileiro de Infraestrutura (CBIE), Adriano Pires. O problema é que as novas unidades foram planejadas para produzir mais diesel do que gasolina.

Na Refinaria Abreu Lima, que deve começar a funcionar em novembro de 2014, 65% da capacidade será direcionada à produção de óleo diesel. O Comperj - que não tem data para entrar em operação - foi desenhado para produzir diesel, querosene, nafta e coque. Para o gerente de abastecimento do Instituto Brasileiro de Petróleo, Gás e Biocombustível (IBP), Ernani Filgueiras, é possível que, diante do cenário de escassez, o complexo petroquímico produza gasolina numa segunda fase.

A ideia da Petrobrás, segundo especialistas, era usar as novas unidades para outros combustíveis e deixar as antigas refinarias para produção de gasolina. Mas a estatal foi pega no contrapé. "Não há planejamento no mundo que dê conta de um cenário que tinha 100 novas unidades de produção de etanol com alta produtividade e de repente para tudo", diz uma fonte do governo. O fato, avaliam especialistas, é que a estatal apostou que o biocombustível atenderia a demanda.

"Além disso, refino sempre foi visto como investimento de baixa retorno pelos analistas", diz o diretor da consultoria Gas Energy, Carlos Alberto Lopes. Mas ele discorda do mercado: "Quem tem matéria-prima tem de fazer o refino. A Exxon, por exemplo, é toda integrada." O executivo lembra que desde a década de 80 a Petrobrás não constrói uma nova refinaria no País.

Para reduzir a dependência de gasolina importada, o governo já ensaiou elevar a mistura de etanol na gasolina, de 20% para 25%. Apesar de exigir aumento na importação do biocombustível, haveria alívio nas contas da Petrobrás, que compra gasolina mais cara no exterior e vende mais barato no Brasil. O rombo no caixa da estatal tem sido preocupante.

O fim da crise dos combustíveis no Brasil terá de passar por uma reavaliação do papel do etanol na matriz energética brasileira. Na avaliação de especialistas, o País não conseguirá atrair todos os investimentos necessários se não houver clareza em relação ao futuro do biocombustível. "O primeiro passo é deixar a gasolina oscilar conforme o mercado internacional", afirma o diretor do Centro Brasileiro de Infraestrutura (CBIE), Adriano Pires.

Mas a pauta do governo não vai nessa direção. Em Brasília, uma série de medidas estão sendo elaboradas para estimular a expansão do setor, como a desoneração tributária dos investimentos. Mas representantes do governo deixam claro que o problema é estrutural e a solução depende mais do produtor.

"Existe um problema estrutural de custo de produção. Os usineiros têm de encontrar uma saída para restabelecer a produtividade e diminuir os custos no processo de produção", destacou a fonte. Segundo ele, o desenvolvimento do etanol de segunda geração (feito a partir do bagaço da cana, por exemplo) e a cana transgênica devem promover uma virada no setor, como a que ocorreu com o lançamento do carro flex. Para os especialistas, no entanto, é preciso muito mais. "Hoje plantar cana não é um

bom negócio. O setor precisa ser repensado", diz Edmar de Almeida, professor da UFRJ. / R.P.

A Petrobrás precisa baixar a importação de gasolina com urgência não só para cortar custos. A logística de recebimento das cargas cada vez maiores do combustível tem limite. Se chegarem 100 mil barris por dia, a empresa não terá mais como fazer com agilidade a retirada da gasolina das embarcações para os portos e terminais, nem armazenamento e distribuição. Faltarão tanques, meios de transporte, espaço portuário e até pessoal.

O aumento da demanda já provoca restrição de oferta. A BR Distribuidora (subsidiária da petroleira) está com dificuldades desde a semana passada para abastecer os postos no interior do País. Não falta combustível, mas sim caminhões e trens para levá-lo aos clientes que consomem cada vez mais. Dezenas de postos no Mato Grosso do Sul e Mato Grosso enfrentam problemas de escassez de diesel e gasolina.

Em nota, a BR afirmou que o problema na região ocorreu por "complicações logísticas", geradas com o aumento da demanda. A empresa garantiu também que está aumentando o volume de produtos para a região por via rodoviária e que espera regularizar a situação nos próximos dias. Segundo a BR, o problema é pontual e não há desabastecimento. Mas começam a aparecer as dificuldades de se acompanhar um crescimento da demanda de gasolina que neste ano chegou a registrar altas mensais acima de 35% em relação a 2011.

Dilema. O limite da Petrobrás ficou perto de ser atingido em dezembro, quando a estatal importou 90 mil barris diários, por causa do aumento do consumo interno e pela insuficiência da produção nacional de gasolina. Mesmo perdendo dinheiro, já que o preço da gasolina no Brasil não acompanha os aumentos internacionais, a Petrobrás não pode interromper a importação, sob risco de causar o desabastecimento do mercado brasileiro.

Procurada pelo Estado, a petroleira informou que "as instalações existentes atendem às demandas atuais e os planos da companhia contemplam as necessidades futuras".

Baixar as quantidades importadas passou a ser um objetivo importante da empresa. De janeiro a abril deste ano, de acordo com a Agência Nacional de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP), foram importados 70,9 mil barris diários de gasolina. A média baixou para 63,7 mil barris por dia entre janeiro e maio. O problema é que no fim do ano a demanda tende a aumentar. Meses de férias escolares tradicionalmente apresentam demanda elevada, com o aumento de viagens interestaduais. Períodos de escoamento de safra também podem levar a picos de consumo de diesel.

Até lá, a companhia espera ter reduzido a importação para suportar o período do pique de consumo. O gargalo logístico fez a presidente da Petrobrás, Graça Foster, endurecer os entendimentos com distribuidoras como Shell e Repsol, exigindo mais investimentos e participação no escoamento dos produtos.

Até agora, não havia rigor na cobrança dos deveres das distribuidoras com tancagem, por exemplo, mesmo que em contrato. As empresas deixavam de construir os tanques e

a Petrobrás compensava a limitação com aumento da frequência da viagem de seus navios.

Desde que assumiu, Graça vem revendo a logística: determinou que as distribuidoras cumpram as exigências contratuais e a cobrança sobre os contratos que estão sendo renovados tem ficado mais rígida. "Isso reflete o aumento da demanda interna e da necessidade de entrega", disse o presidente do sindicato das distribuidoras, Alisio Vaz.

RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Etanol

Fim da sobretaxa altera comércio – Valor Econômico. 24/07/2012

Depois de mais de três décadas de discussão, no fim de 2011, o Congresso dos EUA decidiu pela retirada da tarifa que vigorava desde 1980 sobre o etanol brasileiro, que representava um aumento de custo de US\$ 0,54 por galão (ou US\$ 0,27 por litro) ao produto brasileiro. O fim da barreira tarifária somou-se à decisão da agência ambiental americana que considerou em 2010 o etanol brasileiro um biocombustível avançado, por emitir 50% menos gases de efeito estufa do que a gasolina, o que conferiu um prêmio ao biocombustível brasileiro. Os dois movimentos já começam a ter impacto sobre as relações das usinas brasileiras com o mercado americano.

Entre janeiro e maio, as exportações de Minas Gerais tiveram alta de 400% em comparação anual, chegando a US\$ 17 milhões, com alta de 350% do volume embarcado. "Esse resultado já reflete a decisão do governo americano de eliminar as barreiras tarifárias", diz o superintendente de Política e Economia Agrícola da Secretaria de Agricultura de Minas Gerais, João Ricardo Albanez, que estima que 99% do etanol exportado pelo Estado nesses cinco meses foram destinados aos Estados Unidos.

De janeiro a maio, o Brasil exportou 457 mil metros cúbicos de etanol, alta de 14% em relação aos 400 mil metros cúbicos do mesmo período do ano passado. Os embarques somaram US\$ 361 milhões, superior em mais de 20% aos US\$ 271 milhões de 2011. "Teve um fator preço e câmbio, mas ainda é cedo analisar o impacto, vamos ter de esperar mais um pouco", diz um analista do setor.

O fim das sobretaxas permitiu que as empresas brasileiras façam operações de swap (troca) com os EUA, diz Plínio Nastari, presidente da Datagro, consultoria especializada no setor. A operação consiste em importar o etanol de milho fabricado pelos americanos a preços mais baixos e vendê-lo no mercado brasileiro por valor mais atrativo. De outro lado, exporta-se volume semelhante do etanol de cana de açúcar aos EUA por preços mais altos, já que o biocombustível brasileiro recebe no mercado americano um prêmio por ser considerado um combustível avançado. Esse prêmio estaria entre US\$ 0,70 a US\$ 0,80 por galão. "EUA e Brasil respondem por 80% do mercado de etanol no mundo e agora esse comércio bilateral será regido sob tarifa zero, com total liberdade. Precisamos de tempo para ver o que acontecerá", diz Nastari.

Calcula-se que EUA respondam por metade do álcool exportado pelo país. O resto vai para União Europeia, Japão e Coreia.

Coordenador
Sergio Leite

Pesquisadores

Ademir A. Cazella, Andrey Cordeiro Ferreira,
Catia Grisa, Claudia Job Schmitt, Fábio Luiz Búrigo,
Georges Flexor, Jorge Romano, Lauro Mattei,
Leonilde Medeiros, Nelson Delgado, Philippe Bonnal,
Renato S. Maluf, Silvia Zimmermann

Assistentes de Pesquisa

José Renato S. Porto, Karina Kato,
Valdemar João Wesz Junior

Secretária
Diva de Faria

op
pa **Observatório de Políticas**
Públicas para a Agricultura

cpda Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais
em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade
UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Endereço: Av. Presidente Vargas, 417 / 8º andar
Centro Rio de Janeiro - RJ CEP 20071-003

Telefone: 21 2224 8577 – r. 214
Fax: 21 2224 8577 – r. 217
Correio eletrônico: oppa@ufrj.br
Site eletrônico: www.ufrj.br/cpda/oppa